Colecção "Livros de Bolso Europa-América"

1 — *Esteiros*, Soeiro Pereira Gomes
2 — *O Músico Cego*, Vladimiro Korolenko
3 — *Frei Luís de Sousa*, Almeida Garrett
4 — *A Oeste nada de Novo*, Erich Maria Remarque
5 — *A Missão*, Ferreira de Castro
6 — *Mar Morto*, Jorge Amado
7 — *A Um Deus Desconhecido*, John Steinbeck
8 — *O Valente Soldado Chveik*, Jaroslav Hasek
9 — *A Cidade do Sossego* e *O Capote*, Nicolau Gogol
10 — *O Monte dos Ventos Uivantes*, Emily Brontë
11 — *Gaibéus*, Alves Redol
12 — *Cartas do Meu Moinho*, Alphonse Daudet
13 — *O Médico e o Monstro*, R. Stevenson
14 — *O Homem e o Rio*, William Faulkner
15 — *Sementes de Violência*, Evan Hunter
16 — *O Retrato de Ricardina*, Camilo Castelo Branco
17 — *Serões da Província*, Júlio Dinis
18 — *As Desencantadas*, Pierre Loti
19 — *Domingo à Tarde*, Fernando Namora
20 — *Germinal*, Emílio Zola
21 — *Manhã Submersa*, Vergílio Ferreira
22 — *Bel-Ami*, Guy de Maupassant
23 — *Morreram pela Pátria*, Mikail Cholokov
24 — *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel
25 — *As Mãos Sujas*, Jean-Paul Sartre
26 — *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garrett
27 — *O Eleito*, Thomas Mann
28 — *O Grande Meaulnes*, Alain-Fournier
29 — *O Pregador*, Erskine Caldwell
30 — *Polikuchka*, Leão Tolstoi
31 — *Gente de Hemsö*, August Strindberg
32 — *Filha de Labão*, Tomás da Fonseca
33 — *Um Dia na Vida de Ivan Denissovich*, Alexandre Soljenitsin
34 — *A Ciociara*, Alberto Moravia
35 — *Os Homens e os Outros*, Elio Vittorini
36 — *O Fogo e as Cinzas*, Manuel da Fonseca
37 — *Albergue Nocturno*, Máximo Gorki
38 — *Revolta na «Bounty»*, Sir John Barrow
39 — *Recordações da Casa dos Mortos*, Fédor Dostoievski
40 — *O Autómato*, Alberto Moravia
41 — *Vinte e Quatro Horas da Vida de Uma Mulher*, Stefan Zweig
42 — *Morte dum Caixeiro-Viajante*, Arthur Miller
43 — *A Rua do Gato que Pesca*, Yolanda Földes
44 — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Júlio Dinis
45 — *A Ponte*, Manfred Gregor
46 — *A Noite Roxa*, Urbano Tavares Rodrigues
47 — *Melodia Interrompida*, Boris Pasternak
48 — *Nana*, Emílio Zola
49 — *Utopia*, Thomas More
50 — *Engrenagem*, Soeiro Pereira Gomes
51 — *A Religiosa*, Diderot
52 — *Noites Brancas*, Fédor Dostoievski
53 — *O «Barão» e Outros Contos*, Branquinho da Fonseca
54 — *Z*, Vassilis Vassilikos
55 — *Os Autos das Barcas*, Gil Vicente
56 — *Os Sequestrados de Altona*, Jean-Paul Sartre
57 — *Iracema*, José de Alencar
58 — *A Morgadinha dos Canaviais*, Júlio Dinis
59 — *Tartarin nos Alpes*, Alphonse Daudet
60 — *O Balio de Leça*, Arnaldo Gama
61 — *Elogio da Loucura*, Erasmo
62 — *O Chapéus de Três Bicos*, Pedro Antonio de Alarcon
63 — *Cândido*, Voltaire
64 — *A Mulher de Trinta Anos*, Honoré de Balzac
65 — *Os Cavalos também Se Abatem*, Horace McCoy
66 — *O Lobo do Mar*, Jack London
67 — *A Casa de Bernarda Alba*, Federico Garcia Lorca
68 — *O Satiricon*, Petrónio
69 — *A Filha do Regicida*, Camilo Castelo Branco
70 — *Guerra e Paz* (vol. I) Leão Tolstoi
71 — *Guerra e Paz* (vol. II) Leão Tolstoi
72 — *O Denunciante*, Liam O'Flaherty
73 — *A Mãe*, Máximo Gorki
74 — *Uma Vida*, Guy de Maupassant
75 — *Helena*, Machado de Assis
76 — *Escola de Mulheres* e *Dom João*, Molière
77 — *Anátema*, Camilo Castelo Branco
78 — *O Sol de Cobre*, André Kedros
79 — *Pescador de Islândia*, Pierre Loti
80 — *A Cela da Morte*, Caryl Chessman
81 — *Memórias Dum Sargento de Milícias*, Manuel Antônio de Almeida
82 — *Um Herói do Nosso Tempo*, Lermontov
83 — *Spartacus*, Howard Fast
84 — *A Arte de Amar*, Ovídio
85 — *O Sonho*, Emílio Zola
86 — *Contos*, Hans Christian Andersen
87 — *As Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift
88 — *O Deserto do Amor*, François Mauriac
89 — *O Apelo da Selva*, Jack London
90 — *Cartas Portuguesas*, Soror Mariana Alcoforado
91 — *Duelo ao Sol*, Niven Busch
92 — *Paulo e Virgínia*, Bernardin de Saint-Pierre
93 — *As Pupilas do Senhor Reitor*, Júlio Dinis
94 — *Taras Bulba*, Nicolau Gogol
95 — *O Contrato Social*, Jean-Jacques Rousseau
96 — *O Pão da Mentira*, Horace McCoy
97 — *Lolita*, Vladimir Nabokov
98 — *Noivas de Ninguém*, Henry de Montherlant
99 — *Quo Vadis?*, Henryk Sienkiewicz
100 — *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos*, Alves Redol
101 — *A Lei*, Roger Vailland
102 — *O Exorcista*, William Peter Blatty
103 — *Os Conquistadores*, André Malraux
104 — *Tristão e Isolda*
105 — *Kama Sutra*, Vatsyayana
106 — *Sonetos*, Camões
107 — *A Princesa de Clèves*, Madame de La Fayette
108 — *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe
109 — *Sátiras Sociais*, Gil Vicente
110 — *O Drama de João Barois*, Roger Martin du Gard
111 — *O Nó de Víboras*, François Mauriac
112 — *A Estepe*, Tchekhov
113 — *O Gavião Louco*, Jean Carrière
114 — *A Metamorfose*, Franz Kafka
115 — *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen
116 — *Piedade para as Mulheres*, Henry de Montherlant
117 — *O Guarani*, José de Alencar
118 — *A República*, Platão
119 — *O Barbeiro de Sevilha*, Beaumarchais
120 — *Grandes Esperanças*, Charles Dickens
121 — *O Amor do Soldado*, Jorge Amado
122 — *Menina e Moça*, Bernardim Ribeiro
123 — *A Letra Escarlate*, Nathaniel Hawthorne
124 — *A Grande Muralha da China*, Franz Kafka
125 — *Uma Noite em Lisboa*, Erich Maria Remarque
126 — *A Pequena Fadette*, George Sand
127 — *O Macaco Louco*, A. S. Gyorgyi
128 — *As Bodas de Fígaro*, Beaumarchais
129 — *O Jardim Perfumado*, Xeque Nefzaui
130 — *O Demónio do Bem*, Henry de Montherlant
131 — *Dez Dias Que Abalaram o Mundo*, John Reed
132 — *Cem Anos de Solidão*, Gabriel Garcia Márquez
133 — *A Náusea*, Jean-Paul Sartre
134 — *A Ponte do Rio Kwai*, Pierre Boule
135 — *As «Jóias» Indiscretas*, Diderot
136 — *Os Deuses Têm Sede*, Anatole France
137 — *O Processo*, Franz Kafka
138 — *Este É o Bom Governo de Portugal*, Tomás Pinto Brandão
139 — *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, Vicente Blasco Ibáñez
140 — *Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, Jean-Jacques Rousseau
141 — *Vinho e Pão*, Ignazio Silone
142 — *O Biltre*, Horace McCoy
143 — *As Aventuras de Huckleberry Finn*, Mark Twain
144 — *A Filha do Arcediago*, Camilo Castelo Branco
145 — *As Leprosas*, Henry de Montherlant
146 — *História de Uma Revolução*, Fernão Lopes
147 — *Chamado do Mar*, James Amado
148 — *O Arco de Sant'Ana*, Almeida Garrett
149 — *Discurso do Método*, Descartes
150 — *A Monotonia Morta da Vida*, Michel Bernanos
151 — *Fanny Hill — Memórias Duma Prostituta*, John Cleland
152 — *A Pérola*, John Steinbeck
153 — *O Anticristo*, Friedrich Nietzsche
154 — *Uma Família Inglesa*, Júlio Dinis
155 — *Amor Numa Rua Escura*, Irwin Shaw
156 — *A Besta Humana*, Emílio Zola
157 — *O Obelisco Negro*, Erich Maria Remarque
158 — *Tratado da Política*, Aristóteles
159 — *A Cabana*, Vicente Blasco Ibáñez
160 — *América*, Franz Kafka
161 — *Mulherzinhas*, Louisa May Alcott
162 — *Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll
163 — *A Dama das Camélias*, Alexandre Dumas-Filho
164 — *A Face da Justiça*, Caryl Chessman
165 — *Romeu e Julieta*, Shakespeare
166 — *Esplendores e Misérias das Cortesãs — I*, Balzac
167 — *Esplendores e Misérias das Cortesãs — II*, Balzac
168 — *O Banquete*, Platão
169 — *Tempo para Amar e Tempo para Morrer*, Erich Maria Remarque
170 — *A Família Bellamy*, John Hawkesworth
171 — *A Família Bellamy — II. Segredos de Família*, John Hawkesworth
172 — *A Família Bellamy — III. Os Novos Tempos*, Mollie Hardwick
173 — *A Família Bellamy — IV. A Guerra para Acabar com as Guerras*, Mollie Hardwick
174 — *A Família Bellamy — V. A Dança Continua*, Michael Hardwick
175 — *A Família Bellamy — VI. Fins e Princípios*, Michael Hardwick
176 — *A Ilha dos Pinguins*, Anatole France
177 — *A Escrava Isaura*, Bernardo Guimarães
178 — *Morte em Veneza*, Thomas Mann
179 — *Assim Falou Zaratustra*, Friedrich Nietzsche
180 — *Pensamentos*, Pascal
181 — *Alice do Outro Lado do Espelho*, Lewis Carroll
182 — *O Dia Cinzento e Outros Contos*, Mário Dionísio
183 — *O Moinho à Beira do Rio — I*, George Eliot
184 — *O Moinho à Beira do Rio — II*, George Eliot
185 — *Bela de Dia*, Joseph Kessel
186 — *Alcorão — Parte I*
187 — *Alcorão — Parte II*
188 — *A Vida Amorosa de Moll Flanders*, Daniel Defoe

189 — *Lord Jim*, Joseph Conrad
190 — *De Angola à Contracosta* — I, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens
191 — *De Angola à Contracosta* — II, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens
192 — *O Canto e as Armas*, Manuel Alegre
193 — *O Castelo*, Kafka
194 — *As Aventuras de Tom Sawyer*, Mark Twain
195 — *Os Infortúnios da Virtude*, Marquês de Sade
196 — *Madame Bovary*, Gustave Flaubert
197 — *O Inferno*, Dante Alighieri
198 — *Aventuras de Pinóquio*, Collodi
199 — *West Side Story («Amor sem Barreiras)*, Irving Shulman
200 — *Praça da Canção*, Manuel Alegre
201 — *A Ingénua Libertina*, Colette
202 — *Ana Karenina* — I, Leão Tolstoi
203 — *Ana Karenina* — II, Leão Tolstoi
204 — *20 000 Léguas Submarinas*, Júlio Verne
205 — *Os Carros do Inferno*, Sven Hassel
206 — *A Vagabunda*, Colette
207 — *Dois Anos de Férias*, Júlio Verne
208 — *O Zero e o Infinito*, Arthur Koestler
209 — *Moby Dick — A Baleia Branca* — I, Herman Melville
210 — *Moby Dick — A Baleia Branca* — II, Herman Melville
211 — *Dona Bárbara*, Rómulo Gallegos
212 — *O Macaco Nu*, Desmond Morris
213 — *Catecismo Positivista*, Augusto Comte
214 — *Avieiros*, Alves Redol
215 — *Viagem ao Centro da Terra*, Júlio Verne
216 — *Como Eu Atravessei a África* — I, Serpa Pinto
217 — *Como Eu Atravessei a África* — II, Serpa Pinto
218 — *A Queda Dum Anjo*, Camilo Castelo Branco
219 — *A Cidade e as Serras*, Eça de Queirós
220 — *O Natal do Sr. Scrooge* e *Os Sinos de Ano Novo*, Charles Dickens
221 — *Lendas e Narrativas*, Alexandre Herculano
222 — *O Mandarim*, Eça de Queirós
223 — *Cinco Semanas em Balão*, Júlio Verne
224 — *Contos*, Eça de Queirós
225 — *A Ilustre Casa de Ramires*, Eça de Queirós
226 — *Doze Casamentos Felizes*, Camilo Castelo Branco
227 — *Os Lusíadas*, Luís de Camões
228 — *Os Canhões de Navarone*, Alistair MacLean
229 — *Os Maias*, Eça de Queirós
230 — *Histórias Extraordinárias* — I, Edgar Allan Poe
231 — *Novelas do Minho* — I, Camilo Castelo Branco
232 — *Lendas e Narrativas* — II, Alexandre Herculano
233 — *A Ilha Misteriosa* — I. *Os Náufragos do Ar*, Júlio Verne
234 — *As Minas de Salomão (de Rider Haggard)*, Eça de Queirós
235 — *Eurico, o Presbítero*, Alexandre Herculano
236 — *O Último Dia Dum Condenado*, Vítor Hugo
237 — *O Livro de Cesário Verde*
238 — *O País das Uvas*, Fialho de Almeida
239 — *A Honra Perdida de Katharina Blum*, Heinrich Böll
240 — *Coração, Cabeça e Estômago*, Camilo Castelo Branco
241 — *Folhas Caídas*, Almeida Garrett
242 — *A Ilha Misteriosa* — II. *O Abandonado*, Júlio Verne
243 — *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queirós
244 — *Os Meus Amores*, Trindade Coelho
245 — *Contra Mar e Vento*, Teixeira de Sousa
246 — *Mães e Filhas* — I, Evan Hunter
247 — *A Velhice do Padre Eterno*, Guerra Junqueiro
248 — *A Relíquia*, Eça de Queirós
249 — *A Brasileira de Prazins*, Camilo Castelo Branco
250 — *Mães e Filhas* — II, Evan Hunter
251 — *O Primo Basílio*, Eça de Queirós
252 — *Amor de Perdição*, Camilo Castelo Branco
253 — *Só*, António Nobre
254 — *A Ilha Misteriosa* — III. *O Segredo da Ilha*, Júlio Verne
255 — *Diálogos III*, Platão
256 — *A Correspondência de Fradique Mendes*, Eça de Queirós
257 — *A Harpa do Crente*, Alexandre Herculano
258 — *Eusébio Macário*, Camilo Castelo Branco
259 — *Até à Eternidade* — I, James Jones
260 — *Odisseia*, Homero
261 — *O Conde de Abranhos*, Eça de Queirós
262 — *A Corja*, Camilo Castelo Branco
263 — *Até à Eternidade* — II, James Jones
264 — *O Bobo*, Alexandre Herculano
265 — *Campo de Flores* — I, João de Deus
266 — *Novelas do Minho* — II, Camilo Castelo Branco
267 — *O Regimento da Morte*, Sven Hassel
268 — *O Raio Verde*, Júlio Verne
269 — *Os Pescadores*, Raul Brandão
270 — *A Cartuxa de Parma* — I, Stendhal
271 — *Contos Populares Portugueses*, Antologia
272 — *Dicionário de Milagres*, Eça de Queirós
273 — *A Cartuxa de Parma* — II, Stendhal
274 — *O Último Voo da Arca de Noé*, Chas Carner
275 — *História Trágico-Marítima* — I, Bernardo Gomes de Brito
276 — *A Tulipa Negra*, Alexandre Dumas
277 — *A Felicidade não Se Compra*, Hans Hellmut Kirst
278 — *História Trágico-Marítima* — II, Bernardo Gomes Brito
279 — *Histórias Extraordinárias* — II, Edgar Allan Poe
280 — *Robur, o Conquistador*, Júlio Verne
281 — *Alves & C.ª*, Eça de Queirós
282 — *Deus Dorme em Masúria*, Hans Hellmut Kirst
283 — *Campo de Flores* — II, João de Deus
284 — *Sonetos*, Florbela Espanca
285 — *Uma Vez não Basta*, Jacqueline Susann
286 — *Amor de Salvação*, Camilo Castelo Branco
287 — *In illo Tempore*, Trindade Coelho
288 — *Os Possessos* — I, Dostoievski
289 — *Os Possessos* — II, Dostoievski
290 — *Os Possessos* — III, Dostoievski
291 — *A Capital*, Eça de Queirós
292 — *A Mulher Fatal*, Camilo Castelo Branco
293 — *O Senhor do Mundo*, Júlio Verne
294 — *As Viagens de Marco Polo*
295 — *O Conde de Monte-Cristo* — I, Alexandre Dumas
296 — *A Freira no Subterrâneo*, Camilo Castelo Branco
297 — *O Conde de Monte-Cristo* — II, Alexandre Dumas
298 — *Um Conto de Duas Cidades*, Charles Dickens
299 — *Sonetos Completos*, Antero de Quental
300 — *O Monge de Cister* — I, Alexandre Herculano
301 — *Ensaio sobre o Princípio da População*, Thomas R. Malthus
302 — *Oliver Twist*, Charles Dickens
303 — *O Livro (A Bíblia)*
304 — *Sensibilidade e Bom Senso*, Jane Austen
305 — *Noites de Lamego*, Camilo Castelo Branco
306 — *A Ilíada*, Homero
307 — *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, Júlio Verne
308 — *O Monge de Cister* — II, Alexandre Herculano
309 — *Decâmeron* — I, Giovanni Boccaccio
310 — *A Eneida*, Virgílio
311 — *Verdes Anos*, Colette
312 — *Hamlet*, Shakespeare
313 — *Portugal Contemporâneo* — I, Oliveira Martins
314 — *O Amante de Lady Chatterley*, D. H. Lawrence
315 — *História de Portugal* — I, Oliveira Martins
316 — *O Conde de Monte-Cristo* — III, Alexandre Dumas
317 — *Os Upanishades*

Tradução, da versão inglesa, de Inês Busse

Capa: estúdios P. E. A.

Editor: Francisco Lyon de Castro

Edição n.º 40 817/3152

Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA

A palavra *Upanishade*, do sânscrito *Upa-ni-shad*, significa uma sessão, uma instrução, a lição sentado aos pés de um mestre. Quando lemos nos Evangelhos que Jesus «subiu a um monte: e, depois de se ter sentado, aproximaram-se dele os seus discípulos», podemos bem imaginá-los sentados aos pés do Mestre, e todo o Sermão da Montanha pode ser considerado um *Upanishade*.

Os *Upanishades* são estudos espirituais de extensão variável, e os mais antigos foram compostos entre 800 e 400 a. C. O seu número foi aumentando com o tempo e cerca de 112 *Upanishades* foram impressos em sânscrito. Alguns chegaram a ser compostos apenas no século XV d. C. Estes repetem a maior parte das ideias dos *Upanishades* mais antigos, mas usando-os para uma particular escola de pensamento ou instrução religiosa. Os mais extensos, e talvez os mais antigos, *Upanishades* são o *Brihad-aranyaka* e o *Chandogya*, que cobrem cerca de cem páginas cada um, enquanto o *Upanishade Isa*, um dos mais importantes, de uma idade aproximada à do *Bhagavad Gta*, tem apenas dezoito versos. Se todos os *Upanishades* conhecidos fossem reunidos num volume, fariam uma antologia com uma extensão semelhante à da Bíblia.

Aqueles que compuseram os *Upanishades* eram pensadores e poetas, tinham a visão do poeta; e o poeta sabe bem que, se a poesia nos afasta de uma realidade baixa da vida de todos os dias, é apenas para nos levar à visão de uma realidade mais elevada, mesmo durante

esta vida de todos os dias, onde as limitações, para o poeta, dão lugar à alegria da libertação.

Estas composições estão tão acima da mera curiosidade arqueológica de alguns estudiosos como a luz está acima da sua definição. O estudo é necessário para trazer até nós os frutos da sabedoria antiga, mas só uma elevação de pensamento e emoção pode ajudar-nos a apreciá-los e a dar-lhes vida.

Uma das mensagens dos *Upanishades* é que o Espírito só pode ser conhecido através da união com ele, e não através de simples estudo. E será que o saber, por maior que seja, nos pode fazer sentir o amor, ou ver a beleza, ou ouvir «as melodias desconhecidas»? Alguns vêem apenas a variedade do pensamento nos *Upanishades*, não a unidade subjacente. A esses poderíamos aplicar as palavras dos textos sagrados: «Aquele que vê a variedade e não a unidade vagueia de morte em morte.»

O espírito dos *Upanishades* é o Espírito do Universo. O espírito que têm por base é Brahman, é o próprio Deus. O cristão deve sentir que Brahman é Deus, e o hindu deve sentir que Deus é Brahman. A menos que um sentimento de reverência, independente das barreiras dos nomes, possa ser sentido em relação ao Inefável, então é verdadeiro o que se diz nos *Upanishades:* «As palavras são mero aborrecimento»; e a mesma ideia foi exprimida pelo profeta, que disse: «É um nunca mais acabar de fazer muitos livros.»

Na linguagem cristã, a mais próxima tradução de Brahman é «O Espírito Santo». Enquanto Deus Pai e Deus Filho estão em primeiro plano no espírito de muitos cristãos, o Espírito Santo parece receber menos adoração. E na Índia, o Brahman dos *Upanishades* não é tão popular como Xiva, Vixnu ou Krishna. Até Brahma, a manifestação de Brahman como criador, e que não deve ser com ele confundido, não está tão vivo nas devoções diárias do hindu como estão os outros dois deuses da trindade, Xiva e Vixnu.

A nossa vida é tão pouco negligenciada nos *Upanishades*, que das nossas acções durante esta vida depende toda a nossa vida futura, e até a vida eterna. Esta vida

é tão importante, que no *Upanishade Katha* está declarado que o Espírito só pode ser visto ou nesta vida ou no mais alto céu, mas nunca na região dos mortos ou nos céus inferiores. A importância dada a esta vida é bem clara, para além do simbolismo.

OS «UPANISHADES»

«ISA»

Observai o universo na glória de Deus: e tudo o que vive e se move na Terra. Deixai o transitório e procurai a alegria do Eterno: não deixeis o coração prender-se às possessões de outrem.

Assim fazendo, um homem pode esperar por uma vida de cem anos. Só as acções feitas em Deus não acorrentam a alma do homem.

Há mundos assombrados pelos demónios, regiões da maior escuridão. Todo aquele que na vida nega o Espírito cai nessa escuridão da morte.

O Espírito, sem se mover, é mais rápido do que o pensamento; os sentidos não o podem alcançar: ele sempre está para além deles. Ficando parado, ultrapassa aqueles que correm. O espírito da vida conduz as correntes da acção para o oceano do seu ser.

Ele move-se e não se move. Está longe e está perto. Está dentro de tudo e fora de tudo.

Aquele que vê todos os seres no seu próprio Eu, e o seu próprio Eu em todos os seres, esse perde todo o medo.

Quando um sábio vê esta grande Unidade e o seu Eu se tornou todos os seres, que desilusão ou desgosto se lhe poderão jamais aproximar?

O Espírito tudo encheu de esplendor. Ele é incorpóreo e invulnerável, puro e isento de maldade. Ele é o supremo profeta e pensador, imanente e transcendente. Tudo colocou no caminho da Eternidade.

Na profunda escuridão caem aqueles que seguem a acção. Numa escuridão mais profunda ainda caem aqueles que seguem o saber.

Um é o resultado do saber, e outro é o resultado da acção. Assim nos foi dito pelos antigos sábios, que nos explicaram esta verdade.

Todo aquele que conhece tanto o saber como a acção, com a acção vence a morte e com o saber alcança a imortalidade.

Na escuridão profunda caem aqueles que seguem o imanente. Numa escuridão mais profunda ainda caem aqueles que seguem o transcendente.

Um é o resultado do transcendente, e outro o resultado do imanente. Assim nos foi dito pelos antigos sábios, que nos explicaram esta verdade.

Todo aquele que conhece tanto o transcendente como o imanente, com o imanente vence a morte e com o transcendente alcança a imortalidade.

A face da verdade mantém-se escondida por trás de um círculo de ouro. Desvenda-a, ó deus da luz, para que eu, que amo o verdadeiro, a possa ver!

Ó Sol dador de vida, produto do Senhor da Criação, profeta solitário dos céus! Espalha a tua luz e retira o esplendor que cega, para que eu possa ver a tua forma exultante: esse espírito longínquo que está dentro de ti é também o meu mais interior Espírito.

Que a vida se possa tornar vida imortal, e que o corpo vá para as cinzas. OM. Alma minha, recorda os esforços passados, recorda! Alma minha, recorda os esforços passados, recorda!

Pelo caminho do bem conduz-nos à bem-aventurança final, ó fogo divino, tu, deus, que conheces todos os caminhos. Livra-nos de vaguear pelos maus caminhos. Preces e adoração te oferecemos a ti.

«KENA»

1.ª PARTE

Quem faz a mente divagar? Quem dá o primeiro impulso à vida para a lançar no seu caminho? Quem nos impele a proferir estas palavras? Quem é o Espírito que está por trás dos olhos e dos ouvidos?

É o ouvido entre os ouvidos, o olho entre os olhos, e a palavra entre as palavras, a mente entre as mentes e a vida entre as vidas. Todos aqueles que se guiam pela sabedoria passam adiante e, ao deixar este mundo, tornam-se imortais.

Aí não vão nem os olhos, nem as palavras, nem a mente. Não sabemos, não podemos compreender, como poderá ser explicado: ele está acima do conhecido e está acima do desconhecido. Assim nos foi dito pelos antigos sábios que nos explicaram esta verdade.

É aquilo que se não pode descrever com palavras, mas por meio do qual as palavras são faladas: sabei que só pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram.

É aquilo que não pode ser pensado com a mente, mas por meio do qual a mente pensa: sabei que só pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram.

É aquilo que não pode ser visto com os olhos, mas por meio do qual os olhos vêem: sabei que só pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram.

É aquilo que não pode ser ouvido com os ouvidos, mas por meio do qual os ouvidos ouvem: sabei que só

pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram.

É aquilo que não pode ser inalado com a respiração, mas por meio do qual a respiração inala: sabei que só pode ser Brahman, o Espírito; e não o que as pessoas aqui adoram.

2.ª PARTE

MESTRE – Se pensas «que sei tudo», pouco sabes da verdade. Apenas podes aperceber-te daquela parte de Brahman que existe nos sentidos e que está em ti. Prossegue com a tua meditação.

DISCÍPULO – Eu quero saber.

Não imagino que «o conheço bem» e, contudo, não posso dizer: «Não o conheço.» Aquele de entre nós que sabe isto, já o conhece; mas não aquele que diz: «Não o conheço.»

Ele vem ao pensamento daqueles que o conhecem para além do pensamento, não para aqueles que imaginam que pode ser atingido através do pensamento. É desconhecido para o homem culto e conhecido para o homem simples.

Ele é conhecido no êxtase de um despertar que abre a porta da vida eterna. Por meio do Eu obtemos poder, por meio da visão obtemos a Eternidade.

Para o homem que o reconheceu brilha a luz da verdade; para aquele que o não reconheceu há apenas escuridão. O sábio que o reconheceu em cada ser, ao partir desta vida, alcança a vida imortal.

3.ª PARTE

Certa vez no passado, Brahman, o Espírito Supremo, ganhou uma vitória para os deuses. E, no seu orgulho, pensaram os deuses: «Nós, sozinhos, alcançámos esta vitória; nossa, apenas, é a glória!»

Brahman viu isto e apareceu-lhes, mas não o reconheceram. «Quem é esse ser que nos enche de espanto?», exclamaram.

E falaram a Agni, o deus do fogo: «Ó deus que tudo sabes, vai ver quem é esse ser que nos enche de espanto?»

Agni correu até ele e Brahman perguntou-lhe: «Quem és tu?» «Sou o deus do fogo», disse, «o deus que tudo sabe.»

«Que poderes conténs?», perguntou Brahman. «Posso queimar tudo o que há na Terra.»

E Brahman pôs uma palha defronte dele, dizendo: «Queima isto.» O deus do fogo lutou com toda a sua força, mas foi incapaz de a queimar. Voltou então para junto dos outros deuses e disse: «Não consegui descobrir quem é esse ser que nos enche de espanto.»

Falaram então a Vayu, o deus do ar. «Ó Vayu, vai ver quem é esse ser que nos enche de espanto.»

Vayu correu até ele e Brahman perguntou-lhe: «Quem és tu?» «Eu sou Vayu, o deus do ar», disse, «Matarisvan, o ar que se move no espaço.»

«Que poderes conténs?», perguntou Brahman. «Num furacão posso arrastar para longe tudo o que há na Terra.»

E Brahman colocou uma palha defronte dele, dizendo: «Sopra isto para longe.» O deus do ar lutou com toda a sua força, mas foi incapaz de a mover. Voltou para junto dos outros deuses e disse: «Não consegui descobrir quem é esse ser que nos enche de espanto.»

Então os deuses falaram a Indra, o deus do trovão: «Ó dador dos bens terrestres, vai ver quem é esse ser que nos enche de espanto.» E Indra correu até Brahman, o Espírito Supremo, mas este desapareceu.

Então, no mesmo canto do céu, o deus viu uma dama de reluzente beleza. Era Uma, a sabedoria divina, filha das montanhas cobertas de neve. «Quem é esse ser que nos enche de espanto?», perguntou.

«É Brahman, o Espírito Supremo», respondeu. «Regozijai-vos nele, pois através dele alcançásteis a vitória.»

E os deuses Agni, Vayu e Indra superaram os outros deuses, pois foram os primeiros a aproximar-se de Brahman e os primeiros a reconhecer que ele era o Espírito Supremo.

E Indra, o deus do trovão, superou todos os outros deuses, pois foi o que mais se aproximou de Brahman e o primeiro que reconheceu que ele era o Espírito Supremo.

E, com respeito a ele, diz-se:

Ele é visto na natureza, no prodígio de um lampejo de relâmpago.

Ele entra na alma, no prodígio de um lampejo de visão.

O seu nome é Tadvanam, que traduzido quer dizer «o Fim da saudade do amor». Como Tadvanam, merece ser adorado. Todos os seres irão amar tal amante do Senhor.

MESTRE – Pediste-me que explicasse o *Upanishade*, a visão sagrada. O *Upanishade* foi-te explicado. Na realidade, tenho estado a contar-te os ensinamentos sagrados respeitantes a Brahman.

«KATHA»

1.ª PARTE

Vajasravasa deu tudo o que possuía num sacrifício; mas foi movido pelo desejo de obter o céu.

Ele tinha um filho, de nome Nachiketas, que, embora ainda rapazinho, teve uma visão de fé quando as oferendas foram dadas, e por isso pensou:

«Esta miserável oferenda, de vacas demasiado velhas para dar leite, e demasiado fracas para comer erva ou beber água, deve levar-nos a um mundo de amargura.»

E pensou em oferecer-se a si próprio, e disse a seu pai: «Pai, a quem me darás tu?» Perguntou uma vez, e duas vezes, e três vezes; e então o pai respondeu-lhe irado: «Dar-te-ei à Morte.»

NACHIKETAS – Vou à cabeça de muitos, e no meio de muitos vou. Qual será a tarefa da Morte que hoje deva ser cumprida através de mim?

Lembra-te que os homens do passado morreram, e que os dos dias vindouros morrerão também: um mortal amadurece como o milho, e como o milho volta a nascer.

Nachiketas teve de esperar três noites sem alimento na morada de YAMA, o deus da morte.

UMA VOZ – Como o espírito do fogo, um brâmane entra numa casa: traz a oferenda de água, ó deus da morte.

Quão imprudente é o homem que não dá hospitalidade a um brâmane! Perde as esperanças de futuro, os

méritos do passado, as possessões do presente; os seus filhos e todos os seus haveres.

MORTE – Uma vez que vieste à minha morada como hóspede sagrado e, por três noites, não recebeste hospitalidade, escolhe, pois, três dádivas.

NACHIKETAS – Que a ira do meu pai se acalme e que ele se lembre de mim e me receba bem quando regressar para ele. Que seja esta a minha primeira dádiva.

MORTE – Pelo meu poder prometo que o teu pai se lembrará de ti e te amará como dantes; e, quando te vir liberto das garras da morte, doce será o seu sono à noite.

NACHIKETAS – No céu não há temor: velhice e morte não há lá. Os bons, tendo ultrapassado ambas, regozijam-se no céu, para além da fome e da sede e da dor.

E todos os que estão no céu alcançam a imortalidade. Tu conheces, ó Morte, o fogo sagrado que conduz ao céu. Explica-mo, pois eu tenho a fé. Que seja esta a minha segunda dádiva.

MORTE – Eu conheço, Nachiketas, esse fogo sagrado que conduz ao céu. Ouve. Esse fogo que é o meio de alcançar os mundos infinitos, e que é também o fundamento desses mesmos mundos, está escondido no canto secreto do coração.

E a Morte falou-lhe do fogo da criação, do princípio dos mundos, e do altar dos sacrifícios de fogo, e com quantos tijolos este devia ser construído, e como deviam ser colocados. Nachiketas repetiu os ensinamentos. A Morte ficou satisfeita, e continuou:

Hoje dou-te uma dádiva mais. Este fogo de sacrifício passará a ser conhecido pelo teu nome. Leva também contigo esta corrente de muitos feitios.

Todo aquele que três vezes acender este fogo sagrado, e alcançar a união com os Três, e cumprir os três ritos sagrados, esse vencerá a vida e a morte; porque então conhecerá o deus do fogo, o deus que tudo sabe, e por meio do conhecimento e da adoração alcançará a paz suprema.

Todo aquele que, conhecendo os Três, constrói o altar para o sacrifício do fogo, e três vezes executa o sacrifício de Nachiketas, esse expulsa as grilhetas da morte e, vencendo a amargura, vai encontrar alegria nas regiões do céu.

Este é o fogo que conduz ao céu, e que escolheste para tua segunda dádiva. Será chamado o sacrifício do fogo de Nachiketas. Escolhe agora a terceira dádiva.

NACHIKETAS – Quando um homem morre, levanta-se a dúvida: uns dizem que «ele é» e outros dizem que «ele não é». Diz-me a verdade.

MORTE – Em tempos de antanho, até os deuses tinham esta dúvida; porque misteriosa é a lei da vida e da morte. Pede outra dádiva. Liberta-me desta.

NACHIKETAS – É verdade que esta dúvida se pôs até aos deuses, e tu mesmo dizes, ó Morte, que é difícil de perceber; mas melhor professor que tu para a explicar não há, e não há qualquer outra dádiva tão grande como esta.

MORTE – Leva cavalos, e ouro, e gado, e elefantes; escolhe filhos e netos que viverão até aos cem anos. Recebe vastas extensões de terras, e vive tantos anos quantos desejares.

Ou escolhe outro presente que aches igual a este, e goza-o com riqueza e vida longa. Sê um governante desta vasta terra. Conceder-te-ei todos os teus desejos.

Pede o que quer que seja do mundo dos mortais, por mais difícil que possa ser de obter. Para te servir, dar-te-ei virgens louras, com coches e instrumentos musicais. Mas não me peças, Nachiketas, os segredos da morte.

NACHIKETAS – Todos esses prazeres se desvanecem, ó Fim de tudo! Enfraquecem a força da vida. E na verdade, quão curta é a vida! Guarda os teus cavalos e danças e cantares.

O homem não pode satisfazer-se com a riqueza. Poderíamos gozar a riqueza contigo à vista? Poderíamos viver enquanto estás no poder? Só posso pedir a dádiva que já pedi.

Quando, aqui na Terra, um mortal sentir a sua própria imortalidade, poderia ele, levado pela luxúria da beleza enganosa, desejar uma longa vida de prazeres?

Esclarece pois a minha dúvida quanto ao grande além. Concede-me a graça que desvenda o mistério. É a única dádiva que Nachiketas pode pedir.

2ª PARTE

MORTE – Há o caminho do júbilo e o caminho do prazer. Ambos atraem a alma. Todo aquele que segue o primeiro vai bem; todo aquele que segue o prazer não alcança o Fim.

Os dois caminhos estendem-se perante o homem. Estudando-os bem, o homem sábio escolhe o caminho do júbilo; o louco toma o caminho do prazer.

Nachiketas, tu meditaste a respeito dos prazeres, e rejeitaste-os. Não aceitaste a cadeia de bens com os quais os homens se acorrentam e sob a qual soçobram.

Há o caminho da sabedoria e o caminho da ignorância. Estão bem distantes e levam a diferentes fins. Tu, Nachiketas, és um seguidor do caminho da sabedoria: os muitos prazeres não te tentam.

Vivendo no meio da ignorância, julgando-se sábios e cultos, os loucos vão, sem sentido, para um e outro lado, como cegos conduzidos por outros cegos.

O que fica para além da vida não brilha para aqueles que são acriançados, ou descuidados, ou iludidos pela riqueza. «Este é o único mundo: não há qualquer outro», dizem eles; e assim andam de morte em morte.

São poucos os que ouvem falar dele; e desses, só poucos o alcançam. Maravilha é todo aquele que pode ensinar a respeito dele; e sábio é todo aquele que se deixa ensinar. Maravilha é todo aquele que, quando ensinado, o reconhece.

Não pode ser ensinado por alguém que o não tenha alcançado; e não pode ser alcançado através do muito pensar. O caminho até ele é através de um mestre que o tenha reconhecido: ele está mais elevado que os mais

elevados pensamentos; na verdade, acima de todos os pensamentos.

Este conhecimento sagrado não é atingido pelo raciocínio; mas pode ser transmitido por um mestre verdadeiro. Como o teu propósito é firme, já o encontraste. Assim eu possa encontrar outro aluno como tu!

Eu sei que os tesouros se evolam e que o Eterno não é alcançado pelo transitório. Assim, armei o fogo do sacrifício de Nachiketas e, queimando nele o transitório, alcancei o Eterno.

Perante os teus olhos, Nachiketas, foram apresentados: a satisfação de todos os desejos, o domínio sobre o mundo, a eterna recompensa do ritual, a margem onde não existe o medo, a grandeza da fama e espaços ilimitados. Com força e sabedoria recusaste-os a todos.

Quando o sábio descansa o espírito na contemplação do nosso Deus que está fora do tempo e que invisivelmente se ocupa do mistério das coisas e do coração dos homens, então esse eleva-se acima dos prazeres e pesares.

Quando um homem ouviu e compreendeu e, apreendendo a essência, alcança o segredo íntimo, então esse se regozija na Fonte de Júbilo. Nachiketas, és um lar aberto para o teu Atman, o teu Deus.

NACHIKETAS – Diz-me o que pensas para além do bem e do mal, para além do que se faz ou não se faz, para além do passado e do futuro.

MORTE – Dir-te-ei a Palavra que todos os *Vedas* glorificam, todos os auto-sacrifícios exprimem, todos os estudos sagrados e vidas santas procuram. Essa Palavra é OM.

Essa Palavra é o terno Brahman: essa Palavra é o Fim mais sublime. Quando a palavra sagrada é conhecida, todos os anseios são satisfeitos.

É o meio supremo de salvação; é o supremo amparo. Quando a grandiosa Palavra é conhecida, então é-se grande no céu de Brahman.

Atman, o Espírito da visão, nunca nasce e nunca morre. Nada há à sua frente, e é ÚNICO para todo o sempre. Nunca nascido e eterno, fora do tempo, passado ou futuro, ele não morre quando morre o corpo.

Se o assassino julga que mata, e se o assassinado julga que morre, nenhum dos dois conhece os caminhos da verdade. O Eterno no homem não pode matar: o Eterno no homem não pode morrer.

Encerrado no coração de todos os seres está o Atman, o Espírito, o Eu; mais pequeno que o mais pequeno átomo, maior que os vastos espaços. Todo o homem que capitula da sua vontade humana deixa as tristezas para trás e, pela graça do Criador, contempla a glória do Atman.

Imóvel, vagueia por longe; dormindo, vai a toda a parte. Quem se não o meu Eu pode conhecer esse Deus de alegria e de tristezas?

Quando os sábios compreendem o Espírito omnipresente que permanece invisível no visível e permanente no não permanente, então ultrapassam a tristeza.

O Atman não é alcançado nem por meio de muitos estudos, nem por meio do intelecto ou dos estudos sagrados. É alcançado por aqueles por ele escolhidos – porque o escolhem a ele. Aos seus escolhidos revela o Atman a sua glória.

O Atman nem através de um conhecimento profundo pode ser alcançado, a menos que os caminhos do mal sejam abandonados e que haja descanso dos sentidos, concentração do espírito e paz no coração.

Quem sabe ao certo onde ele está? A majestade do seu poder vence sacerdotes e guerreiros, e a própria morte é vencida.

3.ª PARTE

No canto secreto do coração há dois seres que bebem o vinho da vida no mundo da verdade. Aqueles que conhecem Brahman, aqueles que mantêm os cinco fogos sagrados e os que acendem o triplo fogo de Nachiketas, chamam-lhes «luz» e «sombra».

Possamos nós acender o fogo de Nachiketas, a ponte que atravessa até à outra margem onde não há temor algum, ó supremo e eterno Espírito!

Considera o Atman como o dono de um coche; e o corpo como o próprio coche. Considera a razão como o cocheiro; e a mente, na verdade, são as rédeas.

Os cavalos, diz-se, são os sentidos; e os seus caminhos são o objectivo dos sentidos. Quando a alma se torna uma com a mente e os sentidos, o homem é chamado «aquele que tem alegrias e prazeres».

Todo aquele que não tem o entendimento certo e cuja mente nunca está firme, esse não dirige a sua vida; é como um mau condutor com cavalos pouco dóceis.

Mas todo aquele que tem o entendimento certo e cuja mente está sempre firme, esse dirige a sua vida; é como um bom condutor com cavalos bem treinados.

Todo aquele que não tem o entendimento certo, é descuidado e nunca puro, não chega ao Fim da jornada; antes vagueia de morte em morte.

Mas todo aquele que tem entendimento, é cuidadoso e sempre puro, chega ao Fim da jornada, de onde nunca regressa.

O homem cujo coche é guiado pela razão, que vigia e segura as rédeas da mente, alcança o Fim da jornada, o supremo e eterno Espírito.

Para além dos sentidos está o seu objecto, e para além do objecto está a mente. Para além da mente está a razão pura, e para além da razão está o Espírito no homem.

Para além do Espírito no homem está o Espírito do universo, e mais além está Purusha, o Espírito Supremo. Para além de Purusha nada há: Ele é o Fim do caminho.

A luz de Atman, o Espírito, é invisível, e está encerrada em todos os seres. É apenas vista pelos profetas do subtil, quando a sua visão está nítida e clara.

O sábio devia render a fala à mente, a mente ao eu sabedor, o eu sabedor ao Espírito do universo, e o Espírito do universo ao Espírito da paz.

Despertai, erguei-vos! Lutai para chegar ao Altíssimo e estar na Luz! Os homens santos dizem que estreito e difícil é o caminho, estreito como o gume de uma navalha.

O Atman não tem som nem forma, não tem tacto, nem gosto, nem perfume. É eterno, imutável, e sem princípio nem fim: na verdade está fora de qualquer raciocínio. Quando a consciencialização do Atman se manifesta, o homem fica liberto das garras da morte.

O sábio que consegue aprender e ensinar esta antiga história de Nachiketas, ensinada por Yama, o deus da morte, esse encontra glória no mundo de Brahman.

Todo aquele que, cheio de devoção, recita este mistério supremo numa reunião de brâmanes, ou na cerimónia do Sradha em honra dos falecidos, esse prepara-se para a Eternidade; esse prepara-se, na verdade, para a Eternidade.

4.ª PARTE

O Criador fez os sentidos voltados para fora: dirigem-se ao mundo exterior da matéria, não para o Espírito no interior. Mas o sábio que procurava a imortalidade olhou para o interior de si próprio e encontrou a sua Alma.

O louco correu atrás dos prazeres exteriores e caiu nas garras da morte que tudo abarca. Mas o sábio encontrou a imortalidade, e não procura o Eterno nas coisas que passam.

Estas coisas por meio das quais nos apercebemos das cores e sons, perfumes e beijos de amor; por meio das quais, e apenas, conseguimos o conhecimento; por meio das quais, na verdade, podemos ter a consciência de tudo:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Quando o homem sábio reconhece que é através do grandioso e omnipresente Espírito que há em nós que podemos tomar consciência, acordados ou a sonhar, então esse ultrapassa a dor.

Quando ele reconhece o Atman, o Eu, a vida interior e, como uma abelha, goza a doçura das flores dos sentidos, e reconhece o Senhor do que foi e do que há-de ser, então esse ultrapassou o medo:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

O deus da criação, no começo, nasceu do fogo do pensamento, antes de existirem as águas; apareceu nos elementos e em tudo o mais, substância de tudo. Isto, na verdade, é o Aquilo.

A deusa do Infinito que surge como força de Vida e Natureza; que nasceu dos elementos e, tendo entrado no coração, descansa:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Agni, o deus do fogo que tudo sabe, escondido nos dois paus de fogo do sacrifício sagrado, como uma semente de vida no ventre de uma mãe, e que recebe a adoração matinal daqueles que seguem o caminho da luz ou o caminho do trabalho:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

O lugar de onde o Sol nascente vem e onde se volta a pôr; onde todos os deuses nascem, e para além do qual nenhum homem pode ir:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

O que há cá, há também lá, e o que há lá, há também cá.

Todo aquele que vê os muitos mas não vê o ÚNICO, esse vagueia de morte em morte.

Mesmo pelo espírito esta verdade é para ser aprendida: não há muitos, mas tão-só o ÚNICO. Quem vê variedade e não a unidade vagueia de morte em morte.

A alma habita dentro de nós, uma chama do tamanho de um polegar. Quando é reconhecido como o Senhor do passado e do porvir, então cessam todos os temores:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Do tamanho de um polegar, como uma chama sem fumo, assim e a alma; o Senhor do passado e do futuro, ambos o mesmo hoje que amanhã:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Como a água que chove numa fenda da montanha escorre pelas rochas por todos os lados, assim também o homem que apenas vê a variedade das coisas corre atrás delas, por todos os lados.

Mas assim como a água pura que chove na água pura se torna numa e a mesma, assim também, ó Nachiketas, se torna a alma do sábio que sabe.

5.ª PARTE

O Espírito eterno e puro habita no castelo dos onze portões que é o corpo. Controlando este castelo, o homem fica livre de pesares e, livre de todas as peias, atinge a liberdade.

«No espaço ele é sol, e é o vento e o céu; no altar ele é o sacerdote, e é o vinho de *soma* no jarro. Ele habita nos homens e nos deuses em rectidão, e nos vastos céus. Ele está na terra e nas águas e nas rochas das montanhas. Ele é a Verdade e o Poder.»

Os poderes da vida adoram esse deus que está no coração, e ele governa a respiração da vida, a inspiração e a expiração.

Quando os laços que ligam o espírito ao corpo são desatados e o Espírito é posto em liberdade, o que fica então?

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Um mortal não vive graças à respiração que entra e sai. A fonte da sua vida é outra e é ela que movimenta a respiração.

Falar-te-ei, agora, do mistério do Brahman eterno; e do que acontece depois da morte.

A alma pode ir para o ventre de outra mãe e assim conseguir um novo corpo. Pode até ir para dentro de árvores ou plantas, de acordo com a sua anterior sabedoria e trabalho.

Há um Espírito que permanece acordado durante o nosso sono e que cria a magia dos sonhos. Ele é Brahman, o Espírito da Luz, que, com verdade, é chamado Imortal. Todos os mundos se apoiam nesse espírito e para além dele ninguém pode ir:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Como o fogo, embora um, toma novas formas em todas as coisas que ardem, assim também o Espírito, embora um, toma novas formas em todas as coisas que vivem. Ele está dentro de tudo, e está fora, também.

Como o Sol que observa a Terra não é tocado pelas impurezas terrestres, assim também o Espírito que habita em todas as coisas não é tocado pelos sofrimentos externos.

Há um só Soberano, o Espírito que habita em todas as coisas, o qual transforma a sua forma própria em muitas outras formas. Só os sábios que o vêem na sua alma obtêm o júbilo eterno.

Ele é o Eterno entre as coisas que passam, a Consciência pura entre os seres conscientes, o ÚNICO que torna realidade as preces de muitos. Só os sábios que o vêem na sua alma obtêm a paz eterna.

«Isto é o Aquilo» – assim compreendem o inefável júbilo supremo. Como pode «isto» ser conhecido? Será que ele dá luz, ou será que reflecte luz?

Lá não brilha o Sol, nem a Lua, nem as estrelas; os relâmpagos, lá, não brilham, e muito menos o fogo terrestre. É com a sua luz que todos estes dão luz, e o seu fulgor ilumina toda a criação.

6.ª PARTE

A Árvore da Eternidade tem as raízes no alto do céu e os seus ramos descem até à Terra. É Brahman, o Espírito puro, que, na verdade, é chamado Imortal. Todos os mundos se apoiam nesse Espírito e para além dele ninguém pode ir:

Isto, na verdade, é o Aquilo.

Todo o universo dele provém, e a sua vida arde por todo o universo. No seu poder está a majestade do trovão. Aqueles que o conhecem encontraram a imortalidade.

Por medo dele arde o fogo, e por medo dele brilha o Sol. Por medo dele seguem as nuvens e os ventos, e a própria morte, o seu caminho.

Todo aquele que o vê nesta vida antes do corpo perecer, esse fica livre da escravidão; caso contrário, o homem nasce e morre novamente em novos mundos e novas criações.

Brahman pode ver-se numa alma pura, como se fosse um límpido espelho, e também no céu do Criador, tão límpido como a luz; mas na terra das sombras é como uma lembrança de sonhos, e no mundo dos espíritos é como reflexos em águas não tranquilas.

Quando o homem sábio reconhece que os sentidos materiais não vêm do Espírito, e que o seu acordar e dormir faz parte da sua própria natureza, então esse não sofre mais.

Para além dos sentidos está a mente, e para lá da mente está a razão, a sua essência. Para além da razão está o Espírito que habita no homem, e para além desse está o Espírito do universo, o que tudo faz expandir.

E mais além está Purusha, universal, impossível de definir. Quando um mortal o reconhece, atinge a libertação e alcança a imortalidade.

A sua forma não está no campo de visão: ninguém o pode ver com os olhos mortais. Pode ser visto por um coração puro e por uma mente e pensamentos também puros. Aqueles qûe o conhecem alcançam a vida imortal.

Quando os cinco sentidos e a mente estão parados, e a própria razão descansa em silêncio, então começa o Caminho supremo.

Esta firmeza calma dos sentidos é chamada Ioga. Mas deve estar-se atento, porque o Ioga vem e vai.

Palavras e pensamentos não o podem alcançar e não pode ser visto com os olhos. Como pode, então, ser apercebido, se não por aquele que diz: «Ele é»?

A sua existência tem de ser apercebida na fé do «Ele é», e tem de ser apercebida na sua essência. Quando é apercebido como «Ele é», então ressalta a revelação da sua essência.

Quando desiste de todos os desejos que se apegam à alma, então o mortal torna-se imortal e, ainda neste mundo, ele é um com Brahman.

Quando desamarra todos os laços que prendem o coração, então um mortal torna-se imortal. São estes os ensinamentos sagrados.

Mil e um subtis caminhos vêm do coração. Um sobe até ao topo da cabeça. É este o caminho que conduz à imortalidade; os outros conduzem a diferentes fins.

Sempre habitando dentro de todos os seres, qual pequena chama no coração, está o Atman, o Purusha, o Eu.

Que alguém, com firmeza, tente arrancá-lo do seu corpo, como um pecíolo interior é arrancado da sua bainha. Reconhecei esta luz pura e imortal; reconhecei, de verdade, esta luz pura e imortal.

E Nachiketas aprendeu a suprema sabedoria ensinada pelo deus da vida do além, e aprendeu todos os ensinamentos da união interior, do Ioga. Então alcançou Brahman, o Espírito Supremo, e tornou-se imortal e puro. E assim igualmente acontecerá a todo aquele que conhece o seu Atman, o seu Eu superior.

«PRASNA»

PRIMEIRA PERGUNTA

Sukesa Bharadvaja, Saibya Satyakama, Sauryayani Gargya, Kausalya Asvalayana, Bhargava Baidarbhi e Kabandhi Katyayana eram estudantes cheios de devoção por Brahman, o Espírito Supremo; os seus espíritos repousavam em Brahman e andavam à procura do Brahman Altíssimo. Certa vez disseram: «O santo Pippalada pode explicar todos os ensinamentos sagrados»; e, assim pensando, aproximaram-se dele levando-lhe, em sinal de reverência, combustível para o fogo sagrado.

O santo disse-lhes: «Passai mais um ano em firmeza, pureza e fé. Então podereis perguntar o que quiserdes e, se eu souber, dir-vos-ei tudo.»

Chegada a altura, Kabandhi Katyayana aproximou-se do santo e disse: «Mestre, de onde vieram todas as coisas criadas?»

O santo respondeu: «No princípio, o Criador desejou a alegria da criação. Permaneceu em meditação e depois foi ter com Rayi, a matéria, e Prana, a vida. 'Estes dois', pensou, 'produzirão seres para mim.'

»O Sol é vida e a Lua é matéria. Tudo aquilo que tem forma, sólida ou subtil, é matéria: por conseguinte, forma é matéria.

»Quando o Sol nascente da manhã entra nos céus do Oriente, banha na sua luz toda a vida que há no Oriente. E depois o Sul, e o Ocidente, e o Norte, e todo o céu é iluminado por aquela luz que dá vida a todas as vidas.

»Assim, sobe o céu, como fogo, como a vida na sua infinita variedade. Num verso do *Rigveda* foi dito:

»'O Sol ergue-se em dourado fulgor! O Sol de mil raios mantendo-se fiel numa centena de regiões; o deus omnisciente, o alvo de todas as preces; a luz e fogo supremos, a vida infinita de todos os seres.'

»O Senhor da Criação é, na verdade, o tempo do ano. Este tem dois caminhos: o caminho do Sul e o caminho do Norte. Aqueles que prestam culto pensando: 'Fizemos sacrifícios e obras piedosas', alcançam apenas as regiões da Lua e tornam à vida e à morte. É por isso que aqueles sábios que desejam ter filhos e vida de família seguem o caminho do Sul. É o caminho que leva aos antepassados.

»Mas todo aquele que, na sua procura do Espírito interior, seguir o caminho espiritual do Norte com firmeza, pureza, fé e sabedoria, alcança as regiões do Sol. E aí está o oceano da vida, o supremo refúgio, a terra da imortalidade, onde não existe temor algum. Daí não tornam mais: é o fim da jornada. Há um verso do *Rigveda* que diz:

»'Alguns falam de um Pai que envia chuva do céu do Norte, descansando nas estações e mostrando-se de doze maneiras. Outros falam de um homem santo no céu do Sul, com uma carruagem de sete rodas e seis raios.'

»O dia e a noite são o Senhor da Criação. O dia é a vida e a noite é a matéria. Aqueles que se juntam em amor durante o dia, desperdiçam vida; mas seguem o bom caminho todos aqueles que se juntam em amor durante a noite.

»A quinzena negra é na verdade matéria, e a quinzena luminosa é vida. Alguns santos realizam os seus rituais na quinzena luminosa; mas outros, na altura da escuridão.

»O alimento, na verdade, é o Senhor da Criação. Do alimento nasce a semente e desta nascem seres.

»Todos aqueles que obedecem à Lei do Senhor da Criação, esses, por sua vez, tornar-se-ão criadores e, como ele, produzirão um par. Esses alcançam as pálidas regiões da Lua.

»Mas de todos aqueles em quem não há malícia, mentira ou má-fé, que vivem em firmeza, pureza e verdade, desses são as fulgurantes regiões do sol.»

SEGUNDA PERGUNTA

Então perguntou Bhargava Vaidarbhi: «Mestre, quais são os poderes que mantêm a união de um ser, quantos mantêm acesas as candeias da vida e qual, de entre eles, é supremo?»

O santo respondeu: «Os poderes são: o espaço, o ar, o fogo, a água e a terra; e a voz, a mente, os olhos e os ouvidos. Estes poderes acendem as candeias da vida e dizem: 'Nós mantemos a união deste ser e somos o seu fundamento.'

»Mas a Vida, o poder supremo, disse-lhes: 'Não tenhais ilusões. Sou eu quem, na minha divisão de cinco partes, mantenho a união deste ser e sou o seu fundamento.' Mas não acreditaram nela.

»A Vida ofendeu-se e ergueu-se para sair do corpo, e todas as forças da vida tiveram de se erguer e, tornando a Vida a pôr-se em descanso, todas as forças tiveram de descansar. Tal como quando a abelha-mestra se ergue, todas as abelhas com ela se erguem, e quando volta a descansar, todas voltam a descansar, assim o mesmo aconteceu com as forças da voz, mente, olhos e ouvidos. Então as forças compreenderam e, de alegria, cantaram este hino de vida:

»'Vida é o fogo que arde, o Sol que dá luz. Vida é o vento e a chuva e o trovão no firmamento. Vida é matéria e é a Terra, é aquilo que é, e aquilo que não é, e o que está para além, na Eternidade.'

»Todas as coisas se apoiam na Vida, como raios no centro das rodas. Na Vida se apoiam os *Vedas* e as preces e os guerreiros e os sacerdotes.

»A ti, apoiados nos teus poderes, ó Vida, todos os seres prestam adoração. Como Senhor da Criação, tu moves-te no ventre da mãe para daí renascer.

»Tu és o principal portador de oferendas para os deuses, a primeira oferta oferecida aos falecidos; tu és a poesia dos profetas, a verdade dos santos de outrora.

»Tu és Rudra, o deus da protecção; tu és Indra, em todo o teu fulgor, ó Vida. Como o Sol percorre os céus, tu és o Senhor de todas as luzes celestes.

»Quando a chuva cascata do céu, ó Vida, todas as criaturas se regozijam e dizem: 'Haverá, para nós, alimento em abundância!'

»Tu és pura, ó Vida, supremo profeta, senhor e consumidor de tudo. Nós, os dadores daquilo de que gostas; tu, nosso pai, sopro de toda a vida.

»Sê-nos favorável, ó Vida, com essa tua forma invisível que está na voz, nos olhos e nos ouvidos, e que vive na mente. Não te afastes de nós.

»No teu poder está todo este mundo e até o terceiro e mais sagrado céu. Como uma mãe protege o seu filho, protege-nos a nós também, ó Vida, dá-nos glória e dá-nos sabedoria.»

TERCEIRA PERGUNTA

Então perguntou Kansalya Asvalayana: «Mestre, esta vida, de onde provém? Como entra neste corpo? Como, depois de se espalhar, habita nele? Como deixa o corpo? Como sustenta o universo por dentro e por fora?»

O santo respondeu: «Grandes são as perguntas que me fazes, mas és um grande amante de Brahman: vou responder-te.

»A vida vem do Espírito. Como o homem projecta uma sombra, assim também o Espírito projecta uma sombra da vida e, como sombra de outras vidas anteriores, uma nova vida entra no corpo.

»Como um governante chama os seus oficiais e indica-lhes as cidades que devem governar em seu nome, assim também Prana, o poder da vida, governa os outros poderes vivos do corpo.

»Apana dirige as regiões inferiores. O próprio Prana vive nos olhos e nos ouvidos, e move-se pelo nariz e a

boca. Samana dirige as regiões médias, e distribui a dádiva do alimento que dá a vida. De Samana vêm as sete chamas.

»No coração habita Atman, o Eu. É o centro de cento e um pequenos canais. De cada um deles vem outro cento mais. Setenta e dois mil canais mais pequenos entroncam em cada um destes. Em todos estes milhões de pequenos canais move-se o poder de Vyana.

»Erguendo-se de um deles, o poder vivo de Udana conduz ao céu da pureza, se houver boas acções; para o inferno do mal, se houver más acções; e de novo para a terra dos homens, se houver ambas.

»O Sol é Prana, a vida do universo, e ergue-se dando alegria à vida dos olhos humanos. A divindade da Terra governa as regiões inferiores de Apana. Entre o Sol e a Terra está o espaço ou Samana. O ar é Vyana.

»O fogo é Udana. Quando o fogo da vida se apaga, os sentidos são absorvidos pela mente, e o homem volta à vida. Os seus últimos pensamentos conduzem-no até Prana e, acompanhado pelo fogo vivo de Udana e conduzido por Atman, o próprio Espírito, vai para as regiões merecidas e desejadas em imaginação.

»De todo o que assim conhece o significado da vida, o fruto nunca morre e ele alcança a vida eterna. Há um verso que diz:

»'Todo aquele que conhece o começo da vida, e como entra no corpo, e como lá mora nas suas cinco divisões, e conhece as suas relações com o Espírito íntimo, esse goza a vida eterna; na verdade, goza a vida eterna'.»

QUARTA PERGUNTA

Depois Sauryayani Gargya perguntou: «Mestre, quantos poderes dormem no homem e quantos permanecem acordados? Quem é o Espírito que vigia a magia dos sonhos? Quem é o Espírito no qual todos os outros encontram apoio?»

O santo respondeu: «Como quando, antes de cair a escuridão, os raios do Sol poente parecem todos tornar-

-se um só no seu círculo de luz, embora à hora do Sol nascente todos se voltem a espalhar, assim também todos os poderes dos sentidos se tornam um no superior poder da mente. Então a pessoa não vê, ouve, gosta ou toca; não fala, não recebe ou dá, não se move ou goza os prazeres do amor. Então as pessoas dizem 'ele dorme'.

»Mas, na cidade do corpo, os fogos da vida estão a arder: não dormem. Apana é como o sagrado fogo do lar que sempre se mantém a arder, de pai para filho. Vyana é como o fogo do Sul para ofertas aos antepassados. Prana é como o fogo do Leste aceso pelo fogo do lar.

»Samana é como o sacerdote de Hotri, repartindo equitativamente as duas ofertas de expiração e inspiração. A mente é o oficiante do sacrifício; e Udana é o seu fruto, pois todos os dias leva a mente no sono a Brahman, o Todo-Poderoso.

»E, nos sonhos, a mente observa a sua própria imensidão.

»O que já foi visto é visto de novo, e o que foi ouvido é ouvido de novo. Tudo o que foi sentido em diferentes lugares ou regiões distantes volta novamente à mente. Visto e não visto, ouvido e não ouvido, sentido e não sentido, a mente tudo vê, pois que a mente é tudo.

»Mas quando a mente é dominada pelo seu próprio fulgor, então os sonhos não são mais vistos: o regozijo e a paz descem sobre o corpo.

»Como os pássaros, ó bem-amado, voltam às suas árvores para descansar, assim também todas as coisas encontram o seu descanso em Atman, o Espírito Supremo.

»Todas as coisas encontram a paz final no seu Eu mais íntimo, o Espírito: terra, água, fogo, ar, espaço e os seus elementos invisíveis; a vista, o ouvido, o olfacto, o paladar, o tacto, e os seus variados campos de sensações; a voz, as mãos e todos os poderes de acção; a mente, a razão, o sentimento do 'Eu', o pensamento, a luz interior e o seu objecto; e também a vida e tudo o que a vida contém.

»É o Espírito do homem quem vê, ouve, sente, cheira, toca e prova, pensa e age e tem toda a consciência das coisas. E o Espírito do homem encontra paz no Espírito Supremo e Eterno.

»Todo aquele que conhece, ó filho meu, o Espírito Eterno, incorpóreo e sem sombra, luminoso e duradouro, esse alcança o Espírito Eterno. Ele conhece o Todo e torna-se o Todo. Há um verso que diz:

»'Todo aquele que conhece, ó bem-amado, o Espírito Eterno onde a consciência e os sentidos, os poderes da vida e os elementos encontram o repouso final, esse conhece o todo e passa a fazer parte do Todo.'»

QUINTA PERGUNTA

Depois Saibya Satyakama perguntou: «Mestre, o homem que até ao fim da sua vida sempre apoiar a sua meditação em OM, esse onde vai depois da vida?»

O santo respondeu: «A Palavra OM, ó Satyakama, é Brahman o transcendente e o Brahman imannte, o Espírito Supremo. Com a ajuda dessa Palavra sagrada, o sábio alcança um ou o outro.

»OM ou AUM tem três sons. Todo aquele que apoia a sua meditação no primeiro é por ele iluminado e, depois da morte, regressa rapidamente a este mundo dos homens, guiado pelas harmonias do *Rigveda*. Permanecendo aqui em firmeza, pureza e verdade, ele alcança grandiosidade.

»E se apoiar a ua mente em meditação nos dois primeiros sons, ele será conduzido pelas harmonias do *Yajurveda* até às regiões da Lua. Depois de gozar as suas alegrias celestiais, regressa novamente à Terra.

»Mas se, com os três sons do eterno OM, ele apoiar a sua mente em meditação no Espírito Supremo, então irá ate às regiões da luz do Sol. Ali ficará liberto de toda a maldade, tal como uma cobra que descasca a sua velha pele e, com as harmonias do *Samaveda*, irá até ao céu de Brahman, onde poderá admirar o Espírito

que habita na cidade que é o corpo humano e que está acima da mais elevada vida. Há dois versos que dizem:

»'Os três sons, quando não em união, conduzem de volta à vida que morre; mas o prudente, que os conjuga numa harmonia de união em acções interiores, exteriores e intermediárias, esse ficará firme: nunca mais tremerá.'

»Com as harmonias do *Rigveda* de volta a este mundo dos homens, e com as do *Yajurveda* até às regiões celestes intermédias; mas, com a ajuda do OM, o sábio vai para aquelas regiões que os profetas reconhecem nas harmonias do *Samaveda*. Lá encontrará a paz do Espírito Supremo, em quem não há dissolução ou morte, e onde não há temor algum.»

SEXTA PERGUNTA

Então disse Sukesa Bharadvaja: «Mestre, uma vez o príncipe Hiranyanabha Kansalya veio até mim e fez-me esta pergunta: 'Conheces o Espírito que tem dezasseis formas?' 'Não o conheço', respondi ao jovem príncipe. 'Se o conhecesse, como poderia dizer que o não conhecia? Pois todo aquele que fala falsidades estiola como as raízes de uma árvore: não falarei falsidades.' O príncipe calou-se e, montado no seu coche, partiu. E agora pergunto eu: Onde está esse Espírito?»

O santo respondeu: «Ó meu filho, o Espírito que toma dezasseis formas está aqui, dentro do corpo.

»O Espírito pensou: 'Sairei com as saídas de quem, e permanecerei com a permanência de quem?'

»E criou a vida e da vida criou a fé, e o espaço, e o ar, e a luz, e a água, e a terra, e os sentidos, e a mente. Criou os alimentos e dos alimentos criou a força, a austeridade, os poemas sagrados, os ritos santos, e até os mundos. E nos mundos foi criado o nome.

»Como os rios que correm para o oceano encontram aí a sua paz final, o seu nome e forma desaparecem, e as pessoas falam apenas do oceano, assim também as dezasseis formas do profeta correm para o Espírito e aí encontram a sua paz final, o seu nome e forma desapa-

recem, e as pessoas falam apenas do Espírito. Há um verso que diz:

»'Estas suas formas encontram apoio como os raios no centro de uma roda. Conhece o Espírito que deve ser conhecido para que a morte te não venha afligir.'»

Depois o santo disse aos seus discípulos: «Conheço o Espírito até este ponto. Nada há mais para além.»

Fazendo-lhe uma reverência em adoração, os dois discípulos disseram: «És na verdade o nosso pai; aquele que nos livrou da ignorância e nos conduziu à outra margem.

»Adoração seja dada aos profetas supremos! Adoração aos profetas supremos!»

«MUNDAKA»

1.ª PARTE

CAPÍTULO I

Brahma, antes de os deuses o serem, era o Criador de tudo, o Guardião do Universo. Deu a visão de Brahman, o fundamento de toda a sabedoria, em revelação ao seu filho primogénito, Atharvan.

Essa visão e sabedoria de Brahman dada a Atharvan foi, em tempos remotos, por ele revelada a Angira. E Angira deu-a a Satyavaha, que, em sucessão, a revelou a Angiras.

Houve então um homem, de nome Saunaka, dono de grandes propriedades, que, aproximando-se um dia, com reverência, de Angiras, lhe fez esta pergunta: «Mestre, o que é que uma vez conhecido, tudo é conhecido?» O Mestre respondeu: «Os sábios dizem que há duas espécies de sabedoria, a superior e a inferior.

»A sabedoria inferior está nos quatro *Vedas* sagrados e nas seis espécies de conhecimento que ajudam a conhecer, a cantar e a usar os *Vedas:* definição e gramática, pronúncia e poesia, ritual e os sinais celestes. Mas a sabedoria superior é a que conduz ao Eterno.

»Ele está além do pensamento e invisível, para além da família e da cor. Não tem olhos nem ouvidos; não tem mãos nem pés. É para sempre duradouro e omnipresente, infinito no grande e infinito no pequeno. Ele é o Eterno, em quem os santos vêem a fonte de toda a criação.

»Como uma aranha emite o fio e desenha a sua teia, como uma planta brota da terra e os cabelos do corpo do homem, assim também toda a criação brota do Eterno.

»Através de *tapas*, o poder da meditação, Brahman atinge a expansão e torna-se a matéria primeira. Desta vem a vida e a mente, os elementos e os mundos e a imortalidade dos rituais.

»Daquele Espírito que tudo sabe e tudo vê, de quem *tapas* é a visão pura, dele vem Brahma, o criador, nome e forma e matéria primeira.

CAPÍTULO II

»Esta é a verdade: os ritos de devoção que os santos ouviram em versos sagrados foram ditos nos três *Vedas*, de muitas maneiras. Cumpri-os sempre, ó amantes do verdadeiro; eles são o caminho do ritual sagrado neste mundo.

»Quando as chamas do fogo sagrado se elevam, colocai nelas, com fé, as oferendas sagradas.

»Se, com o fogo sagrado de Agnihotra, se não der atenção à lua nova, ou à lua cheia, ou às estações do ano, ou aos primeiros frutos da Primavera; se nenhum convidado estiver presente, se a oferenda do sacrifício ficar por fazer, ou não for feita de acordo com as regras, ou se for esquecida a oferenda a todos os deuses, então o ofertante não alcançará a recompensa dos sete mundos.

»As chamas dançantes do fogo sagrado são sete: a preta, a terrificante, aquela que é rápida como o pensamento, a que é negra como o fumo, a encarnada-escura, a que arde em centelhas e a luminosa chama multiforme.

»Se um homem começa o sacrifício quando as chamas estão luminosas, e estuda os sinais do céu para a sua oferenda, então a santa oferenda conduzi-lo-á nos raios do Sol até ao lugar onde o Senhor de todos os deuses tem a sua alta morada.

»E quando, nos raios da luz, a radiosa oferenda o eleva, então ele é glorificado em palavras melodiosas: 'Bem-vindo', dizem, 'bem-vindo aqui. Goza o céu de Brahman, que conquistaste com rituais puros e santos.'

»Mas pouco seguros são os barcos do sacrifício para ir até à margem mais longínqua; pouco seguros são os dezoito livros onde estão explicados os rituais menores. Os imprudentes que os louvam como o mais alto fim chegam à velhice e morte novamente.

»Mergulhados em plena ignorância, mas julgando-se sábios e cultos, os loucos correm, sem sentido, para um e outro lado, como cegos conduzidos por outros cegos.

»Vagueando pelos caminhos da imprudência, pensam os loucos: 'Atingimos o fim da vida.' Nuvens de paixão escondem deles o além, e triste é a sua queda quando a recompensa pelas suas acções piedosas for recebida.

»Imaginando que os rituais religiosos e as dádivas de caridade são o máximo bem, o imprudente não vê o Caminho supremo. Na verdade, recebem nos altos céus a recompensa das suas acções piedosas; mas, depois, caem e vêm parar à terra ou a regiões mais baixas ainda.

»Mas todo aquele que vive em pureza e fé na solidão da floresta, que tem sabedoria e paz e não deseja haveres terrestres, esse passa em radiosa pureza pelos portões do Sol até à mansão suprema onde o Espírito está em Eternidade.

»Admirando os mundos da criação, deixai que o amante de Deus atinja a renúncia: tudo o que está acima da criação não pode ser alcançado com acções. No seu anseio de sabedoria divina, que vá, com reverência, até um professor, em quem vivam os mundos sagrados e cuja alma tenha paz em Brahman.

»A todo o aluno que venha com a mente e os sentidos em paz, o Professor dá a visão de Brahman, do Espírito da verdade e da eternidade.

CAPÍTULO I

»Esta é a verdade: Como de um fogo incandescente milhares de centelhas saltam, assim também do Criador recebem vida uma infinidade de seres e para ele retornam.

»Mas o espírito da luz, que não tem forma, que nunca nasceu, que está dentro e fora de tudo, paira radioso acima da vida e da mente, e para além do Criador da criação.

»Dele vem toda a vida e toda a mente, e os sentidos de todas as vidas. Dele vêm o espaço e a luz, o ar e o fogo, e a água, e esta terra que nos contém a todos.

»A cabeça deste corpo é o fogo, e os seus olhos são o Sol e a Lua; os ouvidos são as regiões dos céus, e os sagrados *Vedas* são a sua palavra. O seu hábito é o vento que sopra e o universo inteiro é o seu coração. A Terra é o escabelo para os seus pés. Ele é o Espírito que está em todas as coisas.

»Dele vem o Sol, e a fonte de todo o fogo é o Sol.

»Dele vem a Lua, e desta vem a chuva e todas as plantas que crescem sobre a terra. E o homem vem dele, e o homem à mulher dá a sua semente; e assim, do Espírito Supremo, vem uma infinidade de seres.

»Os versos do *Rigveda* e os hinos do *Samaveda*, as preces do *Yajurveda* e os rituais de iniciação, os sacrifícios e oferendas, e dádivas, o ofertante do sacrifício, o ano e os mundos purificados pela luz que vem do Sol e da Lua, tudo vem do Espírito.

»Dele vêm os oceanos e as montanhas; e todos os rios dele vêm. E todas as plantas e a essência de tudo, através da qual o Espírito Íntimo habita com os elementos: tudo dele provém.

»Na verdade, o Espírito é tudo: acção e o poder de *tapas*, e Brahma o criador, e a imortalidade. Todo aquele que o reconhece como morando no canto secreto do coração, vence as peias da ignorância ainda nesta vida humana.

CAPÍTULO II

»Radioso na sua luz embora invisível no canto secreto do coração, o Espírito é a suprema morada onde habita tudo o que se move, e respira, e vê. Reconhecei-o como tudo o que é, e tudo o que não é, o fim da saudade que ultrapassa a compreensão, o mais alto entre todos os seres.

»Ele tem luminosidade própria e é mais subtil que a mais pequena coisa; mas nele se apoiam todos os mundos e os seus seres. Ele é o sempiterno Brahman, e é vida, e palavras, e mente. Ele é a verdade e a vida imortal. Ele é a meta que se deve almejar: atinge essa meta, ó filho meu!

»Toma a grande flecha que são os *Upanishades* e coloca-a no arco, retesando com devoção. Puxa o arco concentrando-te nele, e acerta no centro do alvo, o mesmo Espírito sempiterno.

»O arco é o sagrado OM, e a flecha a nossa própria alma. Brahman é o alvo da flecha, a meta da alma. Como a seta se torna uma com o alvo, assim também se torne a alma vigilante uma com ele.

»Nele estão entrelaçados o Céu, e a Terra, e todas as regiões do ar, e nele se apoiam o espírito e todos os poderes da vida. Conhece-o como o ÚNICO, e põe de lado todas as outras palavras. Ele é a ponte para a imortalidade.

»Lá onde se encontram todos os mínimos canais do corpo, como raios no centro de uma roda, aí reside, no coração, e transforma a sua forma em muitas outras. Em OM, Atman e no teu Eu baseia a tua meditação. Glória te seja dada na tua longínqua jornada para além da escuridão!

»Aquele que tudo sabe e tudo vê, e cuja glória o universo mostra, habita na região do coração humano, como o Espírito da cidade divina de Brahman. Ele torna-se mente e faz marchar o corpo e a vida, ganha força no alimento e encontra paz no coração. Aí o encontra o sábio, e é alegria, e luz, e vida eterna.

»E quando é visto na sua imanência e transcendência, então os laços que acorrentaram o coração são

desatados, as dúvidas da mente desaparecem, e a lei do Karma não funciona mais.

»Na suprema câmara de ouro, Brahman é indivisível e puro. Ele é a luz radiosa entre todas as luzes, e isto sabe todo aquele que conhece Brahman.

»Lá não brilha o Sol, nem a Lua, nem as estrelas; lá não brilham os relâmpagos e muito menos o fogo da Terra. Da sua luz, todos estes dão luz; e o seu fulgor ilumina toda a criação.

»Espraiando-se longe, para a frente e para trás, e para a direita e para a esquerda, e para cima e para baixo, está Brahman, o Espírito eterno. Na verdade, Brahman é tudo.

3.ª PARTE

CAPÍTULO I

»Há duas aves, dois grandes amigos, que vivem na mesma árvore. Um come os frutos da árvore, e o outro olha em silêncio.

»O primeiro é a alma humana, a qual, descansando na árvore, embora activa, se sente triste pela sua falta de sabedoria. Mas, observando o poder e a glória do Espírito superior, liberta-se da sua tristeza.

»Quando o sábio profeta observa o Senhor na sua glória de ouro, o Espírito, o Criador do deus da criação, então abandona o bem e o mal e, em pureza , vai para a unidade suprema.

»Em encantamento silencioso, o sábio vê-o como a vida que arde em toda a criação. O maior profeta de Brahman é aquele que, fazendo todo o seu trabalho como trabalho sagrado, em Deus, em Atman, no Eu, encontra toda a sua paz e júbilo.

»Este Atman é alcançado por meio da verdade e de *tapas*, de quem vem a verdadeira sabedoria e castidade. Os sábios que se esforçam e que são puros vêem-no dentro do próprio corpo, na sua glória pura e luz.

»A Verdade alcança a vitória, não a falsidade. A Verdade é o caminho que conduz às regiões da luz. Os

prudentes, livres de desejos, viajam por ele, e alcançam a suprema mansão da Verdade.

»Ele é incomensurável na sua luz e está fora do alcance de todo o pensamento, e contudo brilha mais pequeno que a mais pequena coisa. Está longe, muito longe, e contudo, está muito perto, abrigando-se na câmara mais íntima do coração.

»Não pode ser visto pelos olhos, e as palavras não o podem revelar. Não pode ser alcançado pelos sentidos, ou pela austeridade ou ritos sagrados. Pela graça da sabedoria e pureza de espírito, pode ser visto, indivisível, no silêncio da contemplação.

»Este Atman invisível pode ser visto pela mente, na qual repousam os cinco sentidos. Todas as mentes são tecidas com os sentidos; mas numa mente pura brilha a luz do Eu.

»Quaisquer regiões que o puro de coração possa ver na mente, quaisquer desejos que possa ter na mente, ele alcançará essas regiões e ganhará os seus desejos: que todo aquele que deseja o sucesso, preste reverência aos profetas do Espírito.

CAPÍTULO II

»Então conhece a mansão suprema de Brahman, onde brilha radioso todo o universo. Os sábios que, livres de desejos, adoram o Espírito, na morte ultrapassam a semente da vida.

»Um homem cuja mente se debate entre desejos e anseia por objectos do desejo, volta de novo à vida e à morte, de acordo com os seus desejos. Mas todo aquele que possui o Fim de todo o anseio, e cujo eu está realizado, esse verá os desejos desvanecerem-se, ainda nesta vida.

»O Atman não é alcançado através de muitos estudos, nem através do intelecto ou dos ensinos sagrados. É alcançado pelos escolhidos por ele. Aos escolhidos, o Atman revela a sua glória.

»O Atman não é alcançado pelos fracos, ou os descuidados, ou os que praticam uma austeridade erra-

da; mas os prudentes que se mantêm no caminho certo conduzem a sua alma até à morada de Brahman.

»Tendo alcançado esse lugar supremo, os profetas encontram júbilo na sabedoria, as suas almas realizam-se, as paixões desaparecem, têm paz. Cheios de devoção, encontraram o Espírito em tudo e entram nesse Tudo.

»Todos os ascetas que conhecem bem o sentido do *Vedanta*, cujos espíritos são puros devido à renúncia, na hora da partida encontram a liberdade nas regiões de Brahman e alcançam a vida suprema e eterna.

»As quinze formas regressam às suas origens e os sentidos às suas divindades. As acções e o eu e o seu conhecimento vão para o Supremo eterno.

»Como os rios correndo para o oceano encontram aí a paz final, e o seu nome e forma desaparecem, assim também os santos se libertam do nome e forma e entram no fulgor do Espírito supremo que é o maior entre os maiores.

»Na verdade, quem conhece a Deus torna-se Deus.»

«MANDUKYA»

OM. Esta Palavra eterna é tudo: o que foi, o que é e o que há-de ser, e o que está mais além, na eternidade. Tudo é OM.

Brahman é tudo e Atman é Brahman. Atman, o Eu, tem quatro estados.

O primeiro estado é a vida acordada de consciência exterior, gozando os sete elementos básicos externos.

O segundo estado é a vida adormecida da consciência interior, gozando os sete subtis elementos internos na sua própria luz e solidão.

O terceiro estado é a vida adormecida da consciência silenciosa, quando a pessoa não tem qualquer desejo, nem vê qualquer sonho. Esse estado do sono profundo é de unicidade, uma massa de consciência silenciosa feita de paz e gozando a paz.

Esta consciência silenciosa é todo-poderosa, tudo sabe, é o dirigente interno, a fonte de tudo, o começo e o fim de todos os seres.

O quarto estado é o Atman no seu estado puro: a vida acordada da consciência suprema. Não é consciência nem exterior nem interior, nem semiconsciência, nem consciência adormecida, nem consciência, nem não consciência. Ele é Atman, o próprio Espírito, que não pode ser visto nem tocado, que está fora de qualquer distinção, acima do pensamento e inefável. Na união com ele está a suprema prova da sua realidade. Ele é o fim da evolução e da não dualidade. É paz e amor.

Este Atman é a Palavra eterna OM. Os seus três sons, «A», «U» e «M» são os três primeiros estados de consciência, e estes três estados são os três sons.

O primeiro som, «A», é o primeiro estado, de consciência acordada, comum a todos os homens. É encontrada nas palavras *Apti*, «alcançando», e *Adimatvam*, «sendo o primeiro». Quem a conhece alcança na verdade a realização de todos os seus desejos, e torna-se o primeiro em todas as coisas.

O segundo som, «U», é o segundo estado, de consciência em sonho. É encontrado nas palavras *Utkarsha*, «elevação», e *Ubhayatvam*, «juntamente». Quem as conhece eleva a tradição de conhecimentos e alcança o equilíbrio. Na sua família nunca nasce alguém que não conheça Brahman.

O terceiro som, «M», é o terceiro estado, de consciência a dormir. Encontra-se nas palavras *Miti*, «medida», e na raiz *Mi*, «acabar», que dá *Apiti*, «fim definitivo». Quem a conhece, mede tudo com a mente e alcança o Fim definitivo.

A palavra OM como um único som é o quarto estado, da consciência suprema. Está para além dos sentidos e é o fim da evolução. É não dualidade e amor. Ele vai com o seu eu até ao Eu supremo que sabe isto, que realmente sabe isto.

«SVETASVATARA»

1.ª PARTE

Os amantes de Brahman perguntam:

Qual é a origem do universo? Que é Brahman? De onde viemos nós? Vivemos por obra de que poder? Onde encontramos descanso? Quem governa as nossas alegrias e pesares, ó profetas de Brahman?

Deveremos considerar o tempo, ou a própria natureza das coisas, ou a lei da necessidade, ou o acaso, ou os elementos, ou o poder de criação da mulher ou do homem? Não uma união destes, pois acima deles está uma alma que pensa. Mas a nossa alma está sob o poder do prazer e da dor!

Através do Ioga da meditação e contemplação, os sábios viram o poder de Deus escondido na sua própria criação. É ele quem domina todas as fontes deste universo, desde o tempo até à alma do homem.

E viram a Roda do seu poder, composta por um círculo, três camadas, dezasseis partes, cinquenta raios, vinte contra-raios, seis grupos de oito, três linhas, uma corda de inúmeros fios e a grande ilusão:

«Três camadas» — os três constituintes da natureza: luz, fogo e escuridão; «dezasseis partes ou segmentos do arco da Roda» — os cinco elementos, os cinco meios de conhecimento, os cinco meios de acção e a mente; «cinquenta raios» — os cinquenta estados de consciência como são ensinados na sabedoria Sankya: cinco espécies de erros, vinte e oito de fraquezas, nove de alegrias e oito de realização; «vinte contra-raios» — dez sentidos e os seus dez objectos; «seis grupos de oito» — formas da natureza, constituintes do corpo, poderes de

Ioga, modos de sentir, deuses e virtudes; «três linhas» – o Ioga da luz, do amor e da vida; «Uma corda de inúmeros fios» – o desejo sob inúmeras formas; «a grande ilusão» – a ilusão que vê o ÚNICO como dois.

Viram também o rio da vida correndo impetuosamente com as cinco correntes dos sentidos que provêm de cinco formas, os cinco elementos. As suas vagas são motivadas por cinco ventos que sopram e a sua origem está numa fonte quíntupla de consciência. Este rio tem cinco redemoinhos e as violentas vagas de cinco tristezas. Tem cinco fases de dor e cinco perigosas curvas e sinuosidades.

Nesta vasta Roda da criação onde vivem e morrem todas as coisas, vagueia a alma humana como um cisne voando sem sossego, e ela pensa que Deus está longe. Mas quando o amor de Deus desce até ela, então encontra a sua vida imortal.

Brahman tem sido exaltado em hinos. Nele estão Deus, e o mundo, e a alma, e ele é o inextinguível amparo de todos. Quando os profetas de Brahman o vêem em toda a criação, então encontram a paz em Brahman e ficam libertos de todos os pesares.

Deus preserva a unicidade deste universo: o visto e o não visto, o transitório e o eterno. A alma do homem está acorrentada pelo prazer e a dor; mas quando vê a Deus fica liberta de todas as algemas.

Há a alma do homem com sabedoria e falta de sabedoria, poder e falta de poder; há a natureza, Prakriti, que foi criada para a alma; e há Deus, infinito, omnipresente, que vigia o trabalho da criação. Quando um homem conhece estes três, então conhece Brahman.

A matéria, com o tempo, morre, mas Deus está na Eternidade para todo o sempre, e governa tanto a matéria como a alma. Através da meditação sobre ele, da contemplação dele e da comunhão com ele, no final alcançamos a destruição do engano terrestre.

Quando um homem conhece a Deus, é livre: os seus prazeres acabam, não há mais nascer nem morrer. Quando em união íntima, ultrapassa o mundo do corpo e encontra então o terceiro mundo, o mundo do Espírito, onde está o poder do Tudo, e o homem tem tudo: porque ele é um com o ÚNICO.

Sabe que Brahman está em ti para sempre, e nada há de mais elevado para ser conhecido. Todo aquele que vê Deus, e o mundo e a alma, esse vê os três: esse vê Brahman.

Como o fogo se não vê na floresta e, contudo, pelo seu poder, vem à luz como fogo, assim também Brahman é revelado no universo e na alma pelo poder de OM.

A alma é a floresta que está por baixo e que pode arder e ser fogo, e OM é a pederneira em rodopio, que está por cima. A prece é o poder que faz OM girar e então o mistério de Deus vem à luz.

Deus é encontrado na alma quando procurado em verdade e auto-sacrifício, tal como o fogo é encontrado na floresta, a água em nascentes escondidas, as natas no leite e óleo no fruto do óleo.

Há um espírito escondido em todas as coisas, como as natas estão escondidas no leite, e que é a fonte de todo o conhecimento pessoal e auto-sacrifício. Este é Brahman, o Espírito Supremo. Este é Brahman, o Espírito Supremo.

2.ª PARTE

Savitri, o deus da inspiração, enviou a mente e os seus poderes para encontrarem a verdade. Viu a luz do deus do fogo e espalhou-a sobre a terra.

Pela graça do deus Savitri, a nossa mente é uma com ele e lutamos com todas as forças para ter a luz.

Savitri dá vida às nossas almas e elas então brilham em grande luz. Ele torna una a nossa mente e os seus poderes, e dirige os nossos pensamentos para o céu.

Os profetas do deus que tudo vê mantêm as suas mentes e pensamentos em unicidade. Cantam louvores ao deus Savitri, que deu o trabalho a todos os homens.

Eu canto os hinos dos velhos tempos com adoração: possam os meus hinos pessoais seguir o caminho do Sol.

Deixai que todos os filhos da imortalidade me ouçam, mesmo os que estão nos mais altos céus.

Lá onde arde o fogo do Espírito, onde sopra o vento do Espírito, onde transborda o vinho de *soma* do Espírito, aí nasceu uma nova alma.

Inspirados por Savitri, procuremos encontrar júbilo nas preces dos velhos tempos: pois se delas fizermos a nossa rocha, ficaremos purificados dos pecados do passado.

Estando o corpo direito, a cabeça e o pescoço dirigem a mente e os seus poderes até ao coração; e então o OM de Brahman será a barca que te fará atravessar os rios do medo.

E, com o corpo firme e em silêncio, respira ritmicamente pelas narinas, com uma calma subida e descida da respiração. O coche que e a mente é puxado por cavalos selvagens, e esses cavalos selvagens têm de ser domados.

Encontra um lugar retirado e calmo para a prática do Ioga, abrigado do vento, plano e limpo, sem qualquer lixo, cinzas ou fogueiras ou fealdade, e onde o som da água e a beleza do lugar ajudem o pensamento e a contemplação.

Estas são as formas imaginárias que aparecem antes da visão final que é Brahman: uma névoa, um fumo e um sol; um vento, pirilampos e um fogo; relâmpagos, um cristal puro e uma lua.

Quando o praticante de Ioga tem completo domínio sobre o seu corpo, que é composto pelos elementos da terra, água, fogo, ar e éter, então obtém um novo corpo de fogo espiritual, que é superior à doença, velhice e morte.

Os primeiros frutos da prática de Ioga são: saúde, pouco desperdício e boa tez; leveza de corpo, odor agradável e voz suave; e ausência de desejos voraze.

Como um espelho de ouro, coberto de pó, quando bem limpo brilha em todo o seu esplendor, assim também todo o homem que viu a Verdade do Espírito é um com ele, o alvo da sua vida foi atingido, e ficará para sempre livre de pesares.

Então a alma do homem torna-se uma lâmpada

com a qual ele encontra a Verdade de Brahman. E vê a Deus, nunca nascido e eterno; e quando vê a Deus fica liberto de todas as escravidões.

Este é o Deus cuja luz ilumina toda a criação, o Criador de tudo desde o começo. Ele era, ele é e para sempre será. Está em tudo e tudo vê.

Glória a esse Deus que está no fogo, que está nas águas, que está nas plantas e árvores, que está em todas as coisas desta vasta criação. A esse Espírito seja dada glória e glória.

3.ª PARTE

Há o ÚNICO em cujas mãos está a rede de Maya, que governa com o seu poder, que governa todos os mundos com o seu poder. Ele é o mesmo na altura da criação como na altura da dissolução. Todos aqueles que o conhecem ganham a imortalidade.

Ele é Rudra, e só ele é o ÚNICO que governa os mundos com o seu poder. Ele vigia todos os seres e dirige a sua criação e a sua destruição.

Os seus olhos e bocas estão em todo o lado, os seus braços e pés estão em todo o lado. Ele é Deus, que fez os céus e a Terra, que deu os braços ao homem e deu as asas às aves.

Que Rudra, o profeta da Eternidade, que deu vida e glória aos deuses, que mantém tudo sob a sua protecção e que, no começo, criou a Semente de Ouro, nos conceda a graça da visão pura!

Desce até nós, ó Rudra, tu que estás nas altas montanhas! Vem e permite que a luz da tua face, livre de todo o medo ou mentira, esprae sobre nós o seu brilho. Vem a nós com o teu amor.

Não permitas que a flecha que está na tua mão fira homem ou ser vivo: permite que seja uma flecha de amor.

O maior de todos é Brahman, o Supremo, o Infinito. Ele habita no mistério de todos os seres, conforme as formas que têm na natureza. Todos os que conhecem

aquele que tudo sabe e em cuja glória estão todas as coisas, esses alcançam a imortalidade.

Eu conheço o Espírito Supremo, radioso como o Sol depois da escuridão. Todo aquele que o conhece, esse ultrapassa a morte, pois ele é o único caminho que leva à vida imortal.

A sua infinitude ultrapassa o que é grande ou pequeno, e maior que ele nada existe. Como uma árvore eterna, ele eleva-se no centro dos céus, e o seu fulgor ilumina toda a criação.

Todos os que conhecem aquele que é maior que tudo, para além da forma e além da dor, esses alcançam a imortalidade; todos os que o não conhecem, esses vão para os mundos do pesar.

Todo este universo está na glória de Deus, de Xiva, o deus do amor. As cabeças e faces dos homens são a sua própria cabeça e face, e está no coração de todos.

Ele é, na verdade, o Senhor supremo, cuja graça faz mover o coração dos homens. Ele conduz-nos ao seu próprio júbilo e à glória da sua luz.

Ele é o âmago da alma de todos nós e que, como uma pequena chama do tamanho de um polegar, está escondida no coração do homem. Ele é o mestre da sabedoria jamais alcançada pelo pensamento e o amor. Ele é a imortalidade de todos os que o conhecem.

Tem incontáveis cabeças, e olhos, e pés, e a sua vastidão envolve todo o universo e ainda dez vezes mais além.

Na verdade, Deus é todo o universo: o que era, o que é, e tudo o que ainda há-de ser. É o deus da vida imortal, e o deus de toda a vida que se sustenta por meio dos alimentos.

As suas mãos e pés estão em todo o lado; tem cabeças e bocas em todo o lado: vê tudo, tudo ouve. Ele está em tudo, e ele é.

A Luz da consciência vem até ele por meio de infinitos poderes de percepção e, contudo, ele está acima desses poderes. Ele é Deus, o dirigente de todos, o infinito refúgio de todos.

O cisne errante da alma habita no castelo dos nove portões que é o corpo, e sai voando para gozar o mundo

exterior. Ele é o mestre do universo: de tudo o que se move e de tudo o que se não move.

Sem mãos, segura todas as coisas; sem pés, corre a todo o lugar. Sem olhos, vê todas as coisas; sem ouvidos, ouve todas as coisas. Conhece todos, mas ninguém o conhece; ele, o Espírito antes do começo, o Supremo e Eterno Espírito.

Encerrado no coração de todos os seres está o Atman, o Espírito, o Eu; mais pequeno que o mais pequeno átomo; maior que o maior dos espaços. Quando, pela graça de Deus, o homem vê a glória de Deus, então vê-o para além do mundo do desejo, e os pesares ficam para trás.

Eu conheço o Espírito cuja infinitude está em tudo, que sempre ultrapassa o tempo. Conheço o Espírito a quem os amantes de Brahman chamam eterno, que está para além do nascimento e do renascimento da vida.

4.ª PARTE

Possa Deus, que no mistério da sua visão e poder transforma a sua branca radiosidade numa criação multicolorida, de quem todas as coisas provêm e para quem todas retornam, conceder-nos a graça da visão pura!

Ele é o Sol, a Lua e as estrelas. Ele é o fogo, as águas e o vento. Ele é Brahma, o criador de tudo, e Prajapati, o Senhor da criação.

Tu és este rapaz, e tu és esta rapariga; tu és este homem, e tu és esta mulher; tu és este velho que se apoia numa bengala; tu és o Deus que aparece numa infinidade de formas.

Tu és o pássaro azul e tu és o pássaro verde; tu és a nuvem que esconde o relâmpago, e tu és as estações do ano e os oceanos. Para além do princípio, tu estás na tua infinitude, e todos os mundos tiveram em ti o seu princípio.

Há a natureza, nunca nascida, que com os seus três elementos — luz, fogo e escuridão — cria todas as coisas

na natureza. Há a nunca nascida alma do homem, peada pelos prazeres da natureza; e há o Espírito do homem, nunca nascido, que no júbilo do Além deixou os prazeres para trás.

Há duas aves, dois queridos amigos, que habitam na mesma árvore. Um come os frutos dessa árvore e o outro observa em silêncio.

O primeiro é a alma humana que, descansando na árvore, embora activa, se sente infeliz na sua falta de sabedoria. Mas, observando o poder e a glória do Espírito superior, liberta-se dos seus pesares.

Qual é a utilidade do *Rigveda* para aquele que não conhece o Espírito de onde veio o *Rigveda*, e no qual todas as coisas habitam? Porque só os que o acharem podem encontrar paz.

Porque todos os livros sagrados, todos os santos sacrifícios, e rituais, e preces, todas as palavras dos *Vedas*, todo o passado, presente e futuro, tudo vem do Espírito. Com Maya, o seu poder de magia, ele faz todas as coisas, e a alma humana está presa por Maya.

Sabei, pois, que a natureza é Maya, mas que Deus é quem governa Maya; e que todos os seres do nosso universo são partes do seu infinito esplendor.

Ele governa as fontes da criação. Dele vem o universo e para ele retorna. Ele é o Senhor, o dador de bênçãos, o Deus da nossa adoração, em quem há a paz perfeita.

Possa Rudra, o profeta da Eternidade, que deu nascimento aos deuses, e também a sua glória, que guarda todas as coisas sob a sua protecção e que, no começo, viu a Semente de Ouro, conceder-nos a graça da visão pura.

Qual o Deus a quem devemos oferecer a nossa adoração? O Deus dos deuses, em cuja glória estão os mundos, e que governa este mundo do homem e todos os seres vivos.

Ele é o Deus de infinitas formas em cuja glória estão todas as coisas, mesmo mais pequenas que o mais pequeno átomo e, contudo, é o Criador de tudo, e eterno no mistério da sua criação. Na visão deste Deus de amor há paz para todo o sempre.

Ele é o senhor de tudo e, escondido no âmago das coisas, vigia o mundo do tempo. Os deuses e profetas de Brahman são um com ele; e quando um homem o conhece, quebra as algemas da morte.

Todo aquele que conhece a Deus, que está escondido no âmago de todas as coisas, tal como a nata está escondida no leite, e em cuja glória estão todas as coisas, esse está liberto de toda a escravidão.

Este é o Deus cuja obra são todos os mundos, a Alma suprema que para sempre habita no coração dos homens. Todo aquele que o conhece no coração e na mente, esse torna-se imortal.

Há uma região para lá da escuridão onde não existe dia nem noite, nem o que é ou o que não é. Só lá está Xiva, o deus do amor. É a região do glorioso esplendor de Deus, de quem veio a luz do Sol e de quem, no princípio, veio a sabedoria dos antigos.

A mente não consegue apercebê-la nem acima, nem abaixo, nem no espaço intermediário. Com quem havemos de comparar aquele cuja glória é o universo inteiro?

Muito além do alcance da visão, ele não pode ser visto por olhos mortais; mas pode ser reconhecido pelo coração e a mente, e todos os que o conhecem alcançam a imortalidade.

Um homem chega-se a ti em respeitoso temor e diz: «Tu és o Deus que nunca nasceu. Permite que a tua face, ó Rudra, brilhe sobre mim, e que o teu amor seja a minha eterna protecção.

»Não castigues o meu filho, nem o filho do meu filho; não castigues a minha vida, os meus cavalos ou as minhas vacas. Na tua ira, não castigues os nossos homens corajosos, pois sempre vimos a ti em adoração.»

5.ª PARTE

Duas coisas estão escondidas no mistério da infinitude de Brahman: conhecimento e ignorância. A ignorância morre e o conhecimento é imortal; mas Brah-

man está em Eternidade, acima da ignorância e conhecimento.

Ele é o ÚNICO em cujo poder estão as muitas fontes da criação, e a raiz e flor de todas as coisas. A Semente de Ouro, o Criador, estava, no começo, na sua mente; e viu-o nascer quando o tempo começou.

Ele é o Deus que estende a rede da transmigração e depois a retira do campo da vida. Ele é o Senhor que criou os senhores da criação, a Alma suprema que tudo governa.

Como o fulgor do Sol brilha por todo o lado no espaço, assim também a glória de Deus governa toda a sua criação.

No evoluir da sua própria natureza, ele fez todas as coisas florescerem em flores e frutos. A todas dá a fragrância e a cor. Ele, o ÚNICO, o único Deus que governa o universo.

Há um espírito escondido no mistério dos *Upanishades* e dos *Vedas;* e Brahma, o deus da criação, possui-o como seu único Criador. É o Espírito de Deus, visto pelos deuses e profetas de antanho que, quando eram um com ele, se tornavam imortais.

Quando o homem é dominado pelos três poderes da natureza, esse homem trabalha para ter uma recompensa egoísta e, a seu tempo, recebe essa recompensa. Então a sua alma transforma-se nas muitas formas dos três poderes, perde-se pelos três caminhos, e vagueia errante na vida e na morte.

A alma é como o Sol em esplendor. Quando se torna uma com o autoconsciente «Eu sou» e seus desejos, é uma chama do tamanho de um polegar; mas quando é uma com a razão pura e o Espírito íntimo, torna-se, em concentração, como a ponta de uma agulha.

A alma pode ser pensada como a ponta de um cabelo que, depois de dividida por cem, foi novamente dividida por cem; e contudo, nessa alma viva está a semente do Infinito.

A alma não é um homem, nem uma mulher, nem o que não é nem homem nem mulher. Quando a alma toma a forma de um corpo, fica limitada por esse mesmo corpo.

A alma nasce e desabrocha num corpo, com sonhos e desejos, de acordo com as suas obras anteriores. E então renasce em novos corpos, de acordo com as obras anteriores.

A qualidade da alma determina o seu futuro corpo: terreno ou aéreo, pesado ou leve. Os seus pensamentos e acções podem levá-la à liberdade, ou conduzi-la à escravidão, vida após vida.

Mas há o Deus de infinitas formas, e quando um homem conhece a Deus, fica liberto de toda a escravidão. Ele é o Criador de tudo, eterno no mistério da sua criação. Ele é independente do princípio ou fim, e na sua glória estão todas as coisas.

Ele é um espírito incorpóreo, mas pode ser visto por um coração que seja puro. Os seres e os não seres dele provêm, e ele é o Criador de todo. Ele é Deus, o Deus de amor, e quando um homem o reconhece, então abandona os seus corpos e transmigração.

6.ª PARTE

Alguns sábios falam da natureza das coisas como a causa do mundo, e outros, no seu engano, falam do tempo. Mas é pela glória de Deus que a Roda de Brahman faz girar o universo.

Todo o universo está sempre no seu poder. Ele é consciência pura, o criador do tempo: que tudo pode e tudo sabe. É sob a sua direcção que o mundo da criação gira na sua evolução, e que temos a terra, a água e o éter, e o fogo e o ar.

Deus acabou a sua obra e descansou, e criou um laço de amor entre a sua alma e a alma de todas as coisas. E o ÚNICO fez-se um com o um, e os dois, e os três e os oito e com o tempo e o subtil mistério da alma humana.

As suas primeiras obras estão limitadas pelas três qualidades, e a cada coisa dá o seu lugar na natureza. Quando as três se forem, a obra está pronta, e pode então começar uma obra mais importante.

O seu Ser é a fonte de todos os seres, a semente de todas as coisas que têm vida nesta vida. Ele está para além do tempo ou do espaço, e contudo é o Deus de infinitas formas que habita nos nossos pensamentos mais íntimos e é visto por aqueles que o amam.

Ele está para além da árvore da vida e do tempo, e das coisas que podem ser vistas pelos olhos mortais; mas todo o universo dele provém. Ele dá-nos a verdade e retira a maldade, porque ele é o Senhor de todo o bem. Sabei que ele está no mais íntimo da vossa alma, e que é a morada da vossa imortalidade.

Possamos nós conhecer o Senhor entre os senhores, o Rei entre os reis, o Deus entre os deuses: Deus, o Deus de amor, o Senhor de tudo.

Não podemos ver como trabalha, ou quais as ferramentas do seu trabalho. Nada pode a ele ser comparado, e como poderá algo ser maior que ele é? O seu poder manifesta-se de infinitas maneiras, e quão grandes são a sua obra e sabedoria!

Ninguém era antes de ele ser, e ninguém está acima dele; porque ele é a fonte de tudo, e é também quem tudo governa.

Possa Deus, que está escondido na natureza tal como o bicho-da-seda está escondido no casulo de seda, conduzir-nos à união com o seu próprio Espírito, com Brahman.

Ele é Deus, escondido em todos os seres, e está no âmago da alma de todos. Ele vigia as obras da criação, vive em todas as coisas, vigia todas as coisas. Ele é a consciência pura, para além das três condições da natureza, o ÚNICO que governa em silêncio o trabalho de muitos, o ÚNICO que transforma uma semente em muitas. Só aqueles que vêem a Deus na sua alma alcançam o júbilo eterno.

Ele é o Eterno nas coisas que morrem, consciência pura de seres conscientes, o ÚNICO que realiza as preces de muitos. Por meio da visão de Sankhya e da harmonia do Ioga, o homem conhece a Deus, e quando o homem conhece a Deus, liberta-se de todas as cadeias.

Lá não brilha o Sol, nem a Lua, nem as estrelas; os relâmpagos não brilham lá e muito menos o fogo

terrestre. É da sua luz que todos estes dão luz; e o seu fulgor ilumina toda a criação.

Ele é o eterno cisne errante, a alma de tudo no universo, o Espírito de fogo no oceano da vida. Conhecê-lo é vencer a morte, e ele é o único Caminho para a vida eterna.

Ele é o nunca criado Criador de tudo: ele tudo sabe. Ele é consciência pura, o criador do tempo: tudo pode e tudo sabe. Ele é o senhor da alma e da natureza e das três condições da natureza. Dele vem a transmigração da vida e a libertação: a escravidão no tempo e a liberdade na Eternidade.

Ele é o Deus da luz, imortal na sua glória, consciência pura, omnipresente, o carinhoso protector de tudo. Ele é o eterno dirigente do mundo: poderia haver outro dirigente que não ele?

Por isso, aspirando à libertação, eu procuro refúgio em Deus que, por sua graça, revela a sua própria luz; e que, no princípio, criou o deus da criação e lhe deu os sagrados *Vedas*.

Procuro refúgio em Deus que é ÚNICO no silêncio da Eternidade, fulgor puro de beleza e perfeição, e em quem encontramos a paz. Ele é a suprema ponte que conduz à imortalidade, e o Espírito de fogo que queima as impurezas da vida inferior.

Se alguma vez fosse possível ao homem desarmar a tenda do céu, nesse dia talvez ele conseguisse acabar com os seus pesares sem a ajuda de Deus.

Pelo poder da harmonia íntima e pela graça de Deus, Svetasvatara teve a visão de Brahman. Falou então aos estudantes-eremitas que lhe estavam mais próximos a respeito da suprema purificação e a respeito de Brahman, a quem os profetas adoram.

Este supremo mistério do *Vedanta*, que foi revelado nos tempos antigos, deve ser apenas dado àquele cujo coração seja puro e que seja pupilo ou filho nosso.

Se um homem tem por Deus um amor supremo e ama o seu mestre como Deus, então a luz destes ensinamentos brilha numa grande alma: na verdade, brilha numa grande alma.

«MAITRI»

Estes são os ensinamentos de Brahman como se encontram em todos os *Upanishades* e como foram revelados pelo santo Maitri.

Os gloriosos Valakhilyas eram puros e bons, e uma vez perguntaram a Kratu Prajapati:

«Visto que este corpo é como um coche sem consciência, quem é o poder que o torna consciente? Quem é o condutor do coche?»

Prajapati respondeu:

«Há um espírito que está entre as coisas deste mundo e que, contudo, está acima das coisas deste mundo. Ele é claro e puro na paz de um abismo de vastidão. Ele está além da vida do corpo e da mente, nunca nasce, nunca morre, é eterno, é sempre ÚNICO na sua própria grandeza. Ele é o Espírito cujo poder dá consciência ao corpo: ele é o condutor do coche.»

Então disseram os Valakhilyas:

«Mestre, como dá esse Ser puro consciência ao corpo inconsciente? Como é ele o condutor do coche?»

Kratu Prajapati respondeu:

«Como um homem que está a dormir acorda, mas enquanto dorme não tem consciência que vai acordar, assim também uma parte do Espírito subtil e invisível desce até ao corpo como mensageiro, sem que o corpo tenha consciência da sua chegada.

»Uma parte da Consciência Infinita torna-se a nossa própria consciência finita, com poderes de definição e discriminação, e com concepções falsas. Na verdade ele

é Prajapati e Visva, a Fonte da criação e o Universal em todos nós.

»Este Espírito é consciência e dá consciência ao corpo: ele é o condutor do coche.»

2.3-5

*

Os poetas dizem que este é o Espírito que vagueia na terra de corpo em corpo, livre da luz e da escuridão que acompanham as nossas obras. Ele é livre porque é livre de egoísmo, e é invisível, incompreensível e escondido na escuridão. Parece trabalhar e não ser; mas, na realidade, ele não trabalha, mas é. Ele é, no seu próprio Ser, puro, nunca muda, nunca move, não é passível de poluição; e numa paz para além dos desejos, ele observa os dramas do universo. Está escondido atrás do véu das três condições e constituintes do universo; mas no júbilo da sua lei de rectidão ele é para sempre o ÚNICO, ele é para sempre o ÚNICO.

2.7

*

Os Valakhilyas disseram:

«Mestre, falaste-nos da grandeza do Atman, o Espírito, a Alma Suprema; mas o que é essa alma que está limitada pela luz ou escuridão que acompanham as obras, e que, nascida de novo do bem ou do mal, sobe ou desce no seu vaguear, sob o impulso de dois poderes contrários?»

Prajapati respondeu:

«Há na verdade a outra alma, composta por elementos do corpo, o *bhutatman*, que é limitada pela luz ou a escuridão que acompanham as obras e que, nascida de novo do bem ou do mal, sobe ou desce no seu vaguear, sob o impulso de dois poderes contrários.

»E a explicação é esta:

»Há cinco elementos subtis, *tan-matras*, a que se dá o nome de elementos. Há também cinco elementos

grosseiros, *mahabhutas*, e também a estes se dá o nome de elementos. A união deles tem o nome de corpo humano. A alma humana governa o corpo; mas a Alma espiritual é imortal, é pura como uma gota de água numa folha de loto. A alma humana está sob o poder dos três constituintes e condições da natureza, e por isso cai em confusão. Por causa desta confusão, a alma não pode estar consciente de Deus, que nela mora e cujo poder nos dá poder para trabalhar. A alma anda, assim, num redemoinho ao longo da corrente impetuosa das lamacentas águas das três condições da natureza, e torna-se insegura e vacilante, cheia de confusão e plena de desejos, faltando-lhe concentração e sendo perturbada pelo orgulho. Sempre que a alma tem pensamentos de 'eu' ou 'meu', está a perder-se no seu eu inferior, como uma ave que fica presa na rede de uma armadilha.»

3.2

*

«Brahman é», assim fala o profeta de Brahman.

«Brahman é a porta», assim fala o homem de harmonia austera, cujos pecados foram lavados.

«OM é a glória de Brahman», diz o homem contemplativo, que está sempre a pensar em Brahman.

É, pois, através da visão, da harmonia e da contemplação que se alcança Brahman.

4.4

*

No princípio tudo era Brahman, ÚNICO e infinito. Ele é independente do norte e do sul, do leste e do oeste, e independente do que está acima ou abaixo. A sua infinitude está em toda a parte. Nele não há nem acima, nem em frente, nem abaixo; e nele não há nem leste, nem oeste.

O Espírito Supremo é incomensurável, inapreensível, impossível de conceber, nunca nascido, para além do raciocínio, para além do pensamento. A sua vastidão é a vastidão do espaço.

No fim dos mundos, todas as coisas dormem; só ele permanece acordado na Eternidade. Então, do seu espaço infinito, novos mundos se erguem e acordam, um universo que é uma vastidão de pensamento. O universo nasce na consciência de Brahman, e para ele retorna.

Ele é visto no fulgor do Sol no céu, no brilho do fogo na terra, e no fogo da vida que queima o alimento da vida. Por isso foi dito:

> Aquele que está no Sol, e no fogo, e no coração do homem é ÚNICO. Todo aquele que sabe isto é um com o ÚNICO.

6.17

*

Quando um homem prudente alheou o seu espírito de todas as coisas exteriores, e quando o seu espírito de vida abandonou pacificamente as sensações interiores, deixai-o descansar em paz, livre dos movimentos do querer e do desejo. Uma vez que a coisa viva chamada o espírito de vida veio de algo que é maior que o espírito de vida, deixai que o espírito de vida se entregue àquilo que se chama *turya*, a quarta condição da consciência. Porque foi dito:

> Há algo para além da nossa mente e que habita em silêncio na nossa mente. É o supremo mistério que ultrapassa o pensamento. Apoiai a vossa mente e o vosso corpo subtil nesse algo, e não o apoieis em nenhuma outra coisa.

6.19

*

Há dois modos de contemplar a Brahman: no som ou no silêncio. Pelo som vamos para o silêncio. O som de Brahman é OM. Com OM vamos até ao Fim: o

silêncio de Brahman. O Fim é imortalidade, união e paz.

Tal como uma aranha alcança a liberdade do espaço por meio do seu fio, assim também o homem em contemplação alcança a liberdade por meio do OM.

6.22

*

O som de Brahman é OM. No final de OM está o silêncio. É um silêncio de júbilo. É o final da jornada, onde medos e pesares não mais existem: firme, imóvel, que nunca cai, eterno e imortal. É chamado o omnipresente Vixnu.

Com o fim de alcançar o Altíssimo, considera, em adoração, o som e o silêncio de Brahman. Porque foi dito:

> Deus é som e silêncio. O seu nome é OM. Entrega-te, por isso, à contemplação – contemplação nele, em silêncio.

6.23

*

Tal como o fogo, sem combustível, encontra a paz no seu lugar de repouso, assim também, quando os pensamentos se tornam silêncio, a alma encontra a paz na sua própria origem.

E quando a mente que anseia pela verdade encontra a paz da sua própria origem, então acabam aquelas falsas inclinações, que eram o resultado de acções anteriores, realizadas sob o engano dos sentidos.

Samsara, a transmigração da vida, ocorre na nossa própria mente. Por isso que todos mantenham a mente pura, porque aquilo que um homem pensa, nisso se vai transformar: este é um mistério da Eternidade.

A calma da mente vence boas e más obras e, no silêncio, a alma é ÚNICA: então sente-se a alegria da Eternidade.

Se os homens pensassem tanto em Deus como pensam no mundo, quem não alcançaria a libertação?

A mente do homem tem dois aspectos, puro e impuro: impuro quando sob o domínio do desejo, puro quando livre do desejo.

Quando a mente está silenciosa, para além da fraqueza ou falta de concentração, então pode penetrar num mundo que em muito ultrapassa a mente: o mais elevado Fim.

A mente devia ser mantida no coração enquanto não alcançar o Mais Alto Fim. Isto é sabedoria, e isto é libertação. Tudo mais não passa de palavras.

Não há palavras que possam descrever o júbilo da alma cujas impurezas são lavadas numa contemplação profunda – do que é um com o seu Atman, o seu próprio Espírito. Só os que sentem este júbilo sabem o que é.

Tal como a água se torna uma com a água, o fogo com o fogo e o ar com o ar, assim também a mente se torna uma com a Mente Infinita e assim alcança a liberdade final.

Na verdade, a mente é a fonte da escravidão e também a fonte da libertação. Estar preso às coisas deste mundo: isso é escravidão. Estar livre delas: isso é libertação.

De 6.24

Glória seja dada a Agni, o deus do fogo, que habita na terra, e que se lembra deste mundo. Dá este mundo àquele que te adora!

Glória seja dada a Vayu, o deus do vento, que

habita no ar, e que se lembra deste mundo. Dá este mundo àquele que te adora!

Glória seja dada a Aditya, o deus do Sol, que habita no céu, e que se lembra deste mundo. Dá este mundo àquele que te adora!

De 6.35

«KAUSHITAKI»

Quando um homem está a falar, não pode estar a respirar: este é o sacrifício da respiração à fala. E quando um homem está a respirar, não pode estar a falar: este é o sacrifício da fala à respiração.

Estas são as duas oferendas do homem, imortais e que nunca acabam, quer ele esteja acordado, ou quer ele esteja a dormir.

2.5

Estas são as três adorações de Kaushitaki, o que tudo conquista: Ao Sol nascente disse: «Tu, que dás a liberdade, livra-me dos meus pecados.»

Quando o Sol ia a meio caminho no céu, disse: «Tu, que estás no alto e dás a liberdade, coloca-me no alto e livra-me dos meus pecados.»

À hora do pôr do Sol pronunciou esta prece: «Tu, que dás a liberdade plena, livra-me plenamente dos meus pecados.»

2.7

Quando o fogo arde, Brahman brilha; e quando o fogo morre, Brahman vai-se. A sua luz vai para o Sol e o seu sopro de vida para o vento.

Quando o Sol brilha, Brahman brilha também; e quando a Lua se põe, Brahman vai-se. A sua luz vai para o lampejo de um relâmpago e o seu sopro de vida para o vento.

Quando a Lua brilha, Brahman brilha; e quando a

Lua se põe, Brahman parte. A sua luz parte para a Lua, e o seu bafo de vida parte para o vento.

Quando um relâmpago brilha, Brahman brilha também; e quando ele se apaga, Brahman vai-se. A sua luz vai para as regiões dos céus e o seu sopro de vida para o vento.

*

Pratardana, o filho de Devadasa, lutou a luta interior com toda a sua alma e assim alcançou a casa de Indra, a casa do amor de Deus.

Indra disse-lhe: «Pratardana, pede um desejo.» A isto Pratardana respondeu: «Peço o desejo que tu consideres que é o melhor para a humanidade.»

«Um mestre não impõe um desejo ao seu pupilo», disse Indra, «pede o desejo que quiseres.»

«Então não pedirei qualquer desejo», disse Pratardana.

Mas Indra não saiu do caminho da verdade, pois Deus é verdade. Por isso disse a Pratardana: «Conhece-me, pois isso é o melhor para o homem: conhecer Deus.»

3. 1

Depois Indra falou:

«Eu sou o sopro da vida, e eu sou a consciência da vida. Adora-me e considera-me como a vida e a imortalidade.

»O sopro da vida é só um:

»Quando falamos, a vida fala.

»Quando vemos, a vida vê.

»Quando ouvimos, a vida ouve.

»Quando pensamos, a vida pensa.

»Quando respiramos, a vida respira.

»E há algo maior que o sopro da vida.

»Porque pode viver-se sem falar: lembremos os mudos.

»Pode viver-se sem ver: lembremos os cegos.

»Pode viver-se sem ouvir: lembremos os surdos.

»Pode viver-se sem uma mente perfeita: lembremos os que são doidos.

»Mas é a consciência da vida que se torna no sopro da vida e dá vida ao corpo. O sopro da vida é a consciência da vida, e a consciência da vida é o sopro da vida.

3. 2-3

»Quando a consciência governa a fala, com a fala podemos dizer todas as palavras.

»Quando a consciência governa a respiração, com a inspiração podemos cheirar todos os perfumes.

»Quando a consciência governa o olhar, com os olhos podemos ver todas as formas.

»Quando a consciência governa a audição, com os ouvidos podemos ouvir todos os sons.

»Quando a consciência governa a língua, com a língua podemos saborear todos os paladares.

»Quando a consciência governa a mente, com a mente podemos pensar todos os pensamentos.

3. 6

*

»Não é o discurso que deveríamos querer conhecer: deveríamos conhecer quem discursou.

»Não são as coisas que foram vistas que deveríamos querer conhecer: deveríamos conhecer quem as viu.

»Não são os sons que deveríamos querer conhecer: deveríamos conhecer quem os ouve.

»Não é a mente que deveríamos querer conhecer: DEVERÍAMOS CONHECER QUEM PENSOU.»

3. 8

«TAITTIRIYA»

Falarei palavras de verdade e as palavras da lei divina estarão nos meus lábios.

1.1

MESTRE e DISCÍPULO.

Possa a luz do conhecimento humano iluminar-nos, e possamos nós alcançar a glória da sabedoria!

1.3

Ó Senhor, deixa-me chegar até ti, e vem tu até mim, ó Senhor. Nas tuas águas, Senhor meu, permite que lave os meus pecados.

1.4

Que é necessário?
Rectidão, e estudos sagrados e ensinamentos.
Verdade, e estudos sagrados e ensinamentos.
Meditação, e estudos sagrados e ensinamentos.
Autocontrolo, e estudos sagrados e ensinamentos.
Paz, e estudos sagrados e ensinamentos.
Ritual, e estudos sagrados e ensinamentos.
Humanidade, e estudos sagrados e ensinamentos.

*

Satyavacas, o Verdadeiro, diz: «Verdade.»
Taponitya, o Austero, diz: «Austeridade.»
Mas Naka, que está para além da dor, diz: «Estudos e ensinamentos. Porque eles são austeridade, porque eles são austeridade.»

1.9

*

Todo aquele que conhece Brahman, que é a Verdade, consciência e infinito júbilo, que está escondido no âmago da nossa alma e nos mais altos céus, esse goza todas as coisas que desejar em comunhão com Brahman, que tudo sabe. No princípio, de Atman–Brahman– veio o espaço. Do espaço veio o ar. Do ar, o fogo. Do fogo, a água. Da água veio a terra sólida. Da terra vieram as plantas vivas. Das plantas, os alimentos e as sementes; e das sementes e do alimento veio um ser vivo, o homem.

2.1

Quem nega a Deus, nega-se a si próprio. Quem afirma a Deus, afirma-se a si próprio.

2.6

O júbilo vem de Deus. Quem poderia viver e quem poderia respirar se o júbilo de Brahman não enchesse todo o universo?

2.7

Se um homem cavar um fosso entre si e Deus, esse fosso trar-lhe-á medo. Mas se um homem procurar o apoio do Invisível e Inefável, ficará liberto do medo.

2.7

Palavras e pensamentos vão para ele, mas não o alcançam e voltam para trás. Mas todo aquele que conhece o júbilo de Brahman, esse não temerá nunca mais.

2.9

*

Uma vez Bhrigu Varuni foi até seu pai, Varuna, e disse: «Pai, explica-me o mistério de Brahman.»

Então o pai falou-lhe do alimento da terra, do sopro da vida, daquele que vê, daquele que ouve, da mente que sabe, e daquele que fala. E mais lhe disse: «Procura

conhecer aquele de quem vieram todos os seres, por meio de quem todos vivem, e para quem todos retornam. Ele é Brahman.»

E Bhrigu foi e praticou o *tapas*, a oração espiritual. Então pensou que Brahman era o alimento da terra: pois todos os seres vieram da terra, todos vivem do alimento da terra e todos para a terra retornam.

Depois disso, voltou a seu pai, Varuna, e disse: «Pai, explica-me mais a respeito do mistério de Brahman.» E o pai respondeu-lhe: «Procura conhecer Brahman por meio do *tapas*, por meio da oração, porque Brahman é oração.»

E Bhrigu foi e praticou o *tapas*, a oração espiritual. Então pensou que Brahman era a vida: porque todos os seres vieram da vida, todos vivem por meio da vida e para a vida todos retornam.

Depois foi novamente até seu pai, Varuna, e disse: «Pai, explica-me mais o mistério de Brahman.» E o pai respondeu-lhe: «Procura conhecer Brahman através do *tapas*, pela oração, porque Brahman é oração.»

Então Bhrigu praticou o *tapas*, a oração espiritual. Então pensou que Brahman era a mente: pois todos os seres vivem pela mente e para a mente todos retornam.

Depois foi novamente até seu pai, Varuna, e disse: «Pai, explica-me mais o mistério de Brahman.» E o pai respondeu-lhe: «Procura conhecer Brahman através do *tapas*, pela oração, porque Brahman é oração.»

Então Bhrigu praticou o *tapas*, a oração espiritual. Então pensou que Brahman era a razão: porque todos os seres vieram da razão, vivem pela razão e para ela retornam.

Foi novamente a seu pai, fez a mesma pergunta e recebeu a mesma resposta.

Então Bhrigu praticou o *tapas*, a oração espiritual. Então *viu* que Brahman era júbilo: PORQUE DO JÚBILO VIERAM TODOS OS SERES, TODOS VIVEM POR MEIO DO JÚBILO, E PARA O JÚBILO TODOS RETORNAM.

Esta foi a visão de Bhrigu Varuni, que lhe veio do Altíssimo; e todo aquele que vê esta visão vive no Altíssimo.

3. 1-6

Oh, a maravilha do júbilo!

Eu sou o alimento da vida, e sou aquele que come o alimento da vida: sou os dois no ÚNICO.

Sou o primogénito do mundo da verdade, nascido antes dos deuses, nascido no centro da imortalidade.

Todo aquele que me dá é a minha salvação.

Eu sou o alimento que come o comedor de alimento.

Eu ultrapassei o universo, e a luz do Sol é a minha luz.

3. 10. 6

«CHANDOGYA»

De onde vêm todos estes mundos? Vêm do espaço. Todos os seres surgem do espaço e para o espaço retornam: o espaço é verdadeiramente o seu princípio, e o espaço é o seu fim definitivo.

1. 9. 1

*

Prajapati, o Criador de tudo, quedou-se numa meditação rica de vida, acerca dos mundos da sua criação; e deles nasceram os três *Vedas*. Quedou-se em meditação e deles vieram os três sons: BHUR, BHUVAS, SVAR, terra, ar e céu. Quedou-se em meditação e dos três sons veio o som OM. Tal como todas as folhas vêm de um pecíolo, assim também todas as palavras vêm do som OM. OM é o universo inteiro. OM é, na verdade, o universo inteiro.

2. 23. 2

*

Grandioso é o Gayatri, o mais sagrado poema dos *Vedas*; mas quão mais grandiosa é a Infinitude de Brahman! Uma quarta parte do seu ser é todo este vasto universo: as outras três quartas partes são o seu céu de Imortalidade.

3. 12. 5

*

Há uma luz que brilha para além de todas as coisas na Terra, para além de nós, para além dos céus, para além do mais alto, do mais alto dos céus. É a Luz que brilha nos nossos corações.

3. 13. 7

*

Todo este universo é, na verdade, Brahman. Ele é o princípio, e o fim, e a vida de todos nós. Por isso, em silêncio, rendei-lhe adoração.

O homem e realmente feito de fé. Tal como a sua fé é nesta vida, assim também ele se tornará no além: que trabalhe com fé e visão.

Há um espírito que é mente e vida, luz e verdade e vastos espaços. Contém todas as obras e desejos e todos os perfumes e paladares. Engloba todo o universo e a todos ama em silêncio.

Este é o Espírito que está no meu coração, mais pequeno que um grão de arroz, ou um grão de cevada, ou um grão de semente de mostarda, ou um grão de semente de alpista. Este é o Espírito que está no meu coração, maior que a Terra, maior que o firmamento, maior que o próprio céu, maior que todos estes mundos.

Contém todas as obras e desejos e todos os perfumes e paladares. Engloba todo o universo e a todos ama em silêncio. Este é o Espírito que está no meu coração, este é Brahman.

Para ele hei-de ir quando ultrapassar esta vida. E para ele há-de ir todo aquele que tem fé e que não duvida. Assim afirmou Sandilya; assim afirmou Sandilya.

3. 14

*

Eu vou para o Tesouro Imperecível: por sua graça, por sua graça, por sua graça!

Eu vou para o Espírito da vida: por sua graça, por sua graça, por sua graça!

Eu vou para o Espírito da terra: por sua graça, por sua graça, por sua graça!

Eu vou para o Espírito do ar: por sua graça, por sua graça, por sua graça!

Eu vou para o Espírito dos céus: por sua graça, por sua graça, por sua graça!

3. 15. 3

Um homem é um sacrifício vivo. Os primeiros vinte e quatro anos da sua vida são a oferenda matinal do vinho de *soma;* porque o Santo Gayatri tem vinte e quatro sons, e o salmo de Gayatri é ouvido no ofertório da manhã. Os Vasus, os deuses da Terra, comandam esta oferenda. Todo aquele que cair doente durante esse tempo, deve orar: «Com a ajuda de Vasus, os poderes da minha vida, possa a minna oferenda matinal durar até à minha oferenda do meio-dia, e possa o meu sacrifício não perecer enquanto os Vasus forem os poderes da minha vida.»

Os próximos quarenta e quatro anos da sua vida são a oferenda do meio-dia do vinho de *soma;* porque o Santo Trishtubh tem quarenta e quatro sons, e o salmo de Trishtubh é ouvido com a oferenda do meio-dia. Os Rudras, os deuses do ar, comandam esta oferenda. Todo o homem que cai doente durante esse tempo, devia orar: «Com a ajuda de Rudras, os poderes da minha vida, possa a minha oferenda do meio-dia durar até à minha oferenda da noite, e possa o meu sacrifício não perecer enquanto os Rudras forem os poderes da minha vida.»

Os próximos quarenta e oito anos da sua vida são a oferenda da noite; porque o Santo Jagati tem quarenta e oito sons, e o salmo de Jagati é ouvido com a oferenda da noite. Os Adityas, os deuses da luz, comandam esta oferenda. Todo o homem que cai doente durante este tempo, devia orar: «Com a ajuda de Adityas, os poderes da minha vida, possa a minha oferenda da noite durar até ao final de uma longa vida, e possa o meu sacrifício não perecer enquanto os Adityas forem os poderes da minha vida.»

Mahidasa Aitareya sabia isto quando costumava dizer: «Porque haveria de sofrer uma doença, se não vou morrer?» E viveu cento e dezasseis anos.

3. 16

*

Devíamos lembrar que, no mundo interior, Brahman é consciência; e devíamos lembrar que, no mundo exterior, Brahman é espaço. Estas são as duas meditações.

3. 18. 1

*

Certa vez, Satyakama foi ter com a mãe e disse-lhe: «Mãe, desejo entrar na vida de um estudante religioso. A que família pertenço?»

Ela respondeu-lhe: «Não sabemos, meu filho, a que família pertences. Na minha juventude eu era pobre e servi, como serva, a muitos senhores, e foi então que nasceste: por isso não sei a que família pertences. O meu nome é Jabala e o teu é Satyakama. Podes dizer que te chamas Satyakama Jabala.»

O rapaz foi ter com o Mestre Haridrumata Gautama e disse: «Gostaria de tornar-me um estudante da sagrada sabedoria. Posso ficar contigo, Mestre?»

E o Mestre perguntou-lhe: «A que família pertences, meu filho?»

«Não sei a que família pertenço», respondeu Satyakama. «Perguntei a minha mãe e respondeu-me: 'Não sei, meu filho, a que família pertences. Na minha juventude eu era pobre e servi, como serva, a muitos senhores, e foi então que nasceste: por isso não sei a que família pertences. O meu nome é Jabala e o teu Satyakama.' Por isso, sou Satyakama Jabala, Mestre.»

E o Mestre Gautama disse-lhe: «Tu és um brâmane, pois não te afastaste da verdade. Vem, meu filho, tomar-te-ei como estudante.»

4. 4

*

OM. Viveu outrora um rapaz, de nome Svetaketu Aruneya. Certa vez, o pai falou-lhe da seguinte maneira: «Svetaketu, faz-te estudante da sabedoria sagrada. Não há ninguém na nossa família que não tenha estudado os santos *Vedas* e que possa ser chamado brâmane apenas por delicadeza.»

O rapaz partiu com a idade de doze anos e, depois de aprender os *Vedas*, regressou a casa com a idade de vinte e quatro anos, muito orgulhoso do seu saber e com importante opinião a seu respeito.

Observando isto, disse-lhe o pai: «Svetaketu, meu rapaz, pareces ter grande opinião a teu próprio respeito; achas-te muito sabedor e és orgulhoso. Pediste para te ensinarem aquele conhecimento especial mediante o qual se ouve o que se não ouve, se pensa o que se não pensa e se sabe o que se não sabe?»

«Que conhecimento é esse, pai?», perguntou Svetaketu.

«É tal como, meu filho, pelo simples facto de conhecer um torrão de barro se pode reconhecer tudo o que é barro, uma vez que quaisquer diferenças não passam de palavras e a realidade é apenas barro;

»É tal como, pelo simples facto de se conhecer um pedaço de ouro se pode reconhecer tudo o que é ouro, uma vez que quaisquer diferenças não passam de palavras e a realidade é apenas ouro;

»É tal como, pelo simples facto de se conhecer um pedaço de ferro se pode reconhecer tudo o que é ferro, uma vez que quaisquer diferenças não passam de palavras e a realidade é apenas ferro.»

Svetaketu disse: «Certamente que os meus dignos mestres não sabiam isso eles próprios. Se soubessem,

porque não mo teriam ensinado? Explique-me porquê, pai!»

«Assim será, meu filho.»

6. 1

*

«Traz-me um fruto dessa árvore.»

«Aqui está, pai.»

«Parte-o.»

«Está partido, pai.»

«Que vês lá dentro?»

«Sementes muito pequenas, pai.»

«Abre uma delas, meu filho.»

«Está aberta, pai.»

«Que vês lá dentro?»

«Absolutamente nada, pai.»

Então disse-lhe o pai:

«Meu filho, dessa mesma essência da semente que não consegues ver é que vem, na realidade, esta frondosa árvore.

»Crê, meu filho, que uma essência invisível e subtil é o Espírito de todo o universo. Isso é a Realidade. Isso é o Atman. TU ÉS ISSO.»

«Explica-me mais, pai», disse Svetaketu.

«Assim será, meu filho.

»Põe este sal na água e vem amanhã ter comigo.»

Svetaketu fez como lhe fora ordenado, e de manhã disse-lhe o pai: «Traz-me o sal que ontem à noite puseste na água.»

Svetaketu olhou para dentro da água, mas não o pôde encontrar, pois tinha-se dissolvido.

Então disse-lhe o pai: «Prova a água deste lado. Como está?»

«Está salgada.»

«Prova a água do centro. Como está?»

«Está salgada.»

«Prova-a daquele lado. Como está?»

«Está salgada.»

«Torna a procurar o sal e vem de novo falar comigo.»

O filho assim fez, dizendo: «Não consigo ver o sal. Só vejo água.»

Então disse-lhe o pai: «Do mesmo modo, ó filho meu, não podes ver o Espírito. Mas ele está realmente aqui.

»Uma essência invisível e subtil é o Espírito de todo o universo. Isso é a Realidade. Isso é a Verdade. TU ES ISSO.»

6.12.14

«Explica-me mais, pai.»

«Assim seja, meu filho.

»Mesmo quando a um homem, ó meu filho, o tenham vendado na sua terra de Ghandaras e abandonado num local deserto, ele pode vaguear para o oriente e para o norte e para o sul, só porque ele foi vendado e abandonado num local desconhecido; mas se um bom homem lhe tirar a venda e lhe disser 'Naquela direcção é a terra de Ghandaras, caminha naquela direcção', então, se for esperto, inquirirá de aldeia em aldeia até que tenha alcançado a sua terra de Ghandaras; o mesmo acontece neste mundo a um homem que tenha um Mestre que o oriente na direcção do Espírito. Tal homem pode dizer: 'Vaguearei neste mundo até atingir a libertação; só então alcançarei a minha Casa.'

»Esta invisível e subtil essência é o Espírito de todo o universo. Isso é a Realidade. Isso é a Verdade. TU ES ISSO.»

6.12.14

Haverá algo de mais elevado que o pensamento?

Na verdade, a meditação é mais elevada que o pensamento. A terra parece repousar em meditação silenciosa; e as águas, e as montanhas, e o firmamento, e os céus, todos parecem estar em meditação. Sempre que um homem alcança a grandeza nesta terra, ele tem a recompensa correspondente à sua meditação.

7.6

Quando se falam palavras de verdade, falam-se palavras de grandeza: conhecei a natureza da verdade.

Quando se conhece, fala-se a verdade. Todo aquele que não conhece, não pode falar a verdade: conhecei a natureza do conhecimento.

Quando se pensa, então pode conhecer-se. Todo aquele que não pensa, não conhece: conhecei a natureza do pensamento.

Quando se tem fé, então pensa-se. Todo aquele que não tem fé, não pensa: conhecei a natureza da fé.

Lá onde há progresso, aí um homem vê e tem fé. Lá onde não há progresso, não há fé: conhecei a natureza do progresso.

Lá onde há criação, aí há progresso. Lá onde não há criação, não há progresso: conhecei a natureza da criação.

Lá onde há júbilo, aí há criação. Lá onde não há júbilo, não há criação: conhecei a natureza do júbilo.

Lá onde há o Infinito, aí há júbilo. Não há júbilo no finito. Só no Infinito há júbilo: conhecei a natureza do Infinito.

Lá onde nada é visto, ou ouvido, ou conhecido, aí há o Infinito. Lá onde algo é visto, ou ouvido, ou conhecido, aí é o finito. O Infinito é imortal; mas o finito é mortal.

«Em que se apoia o Infinito?» Na sua própria grandeza, ou nem mesmo na sua própria grandeza.

Neste mundo, chamam grandeza à posse de gado e cavalos, elefantes e ouro, servos e esposas, terras e casas. Mas eu não chamo grandeza a isso, pois aí cada coisa depende das outras.

Mas o Infinito está acima e abaixo, a norte e a sul, a leste e a oeste. O Infinito é o universo inteiro.

Atman está acima e abaixo, a norte e a sul, a leste e a oeste. Atman é o universo inteiro.

Todo aquele que vê, sabe e compreende isto, que encontra em Atman, o Espírito, o seu amor, e prazer, e

união, e júbilo, esse torna-se mestre de si próprio. Então a sua liberdade é infinita.

Mas todo aquele que não reconhece isto, esse torna-se o servo de outros mestres e, nos mundos que acabam, não mais alcança a libertação.

7. 16-25

*

OM. No centro do castelo de Brahman, o nosso próprio corpo, há um pequeno escrínio em forma de flor de loto, e dentro pode encontrar-se um pequeno espaço. Deveríamos descobrir quem aí habita, e deveríamos querer conhecê-lo.

E se alguém pergunta: «Quem e esse que habita num pequeno escrínio em forma de flor de loto, no centro do castelo de Brahman? A quem deveríamos querer encontrar e conhecer?», podemos responder: «O pequeno espaço no interior do coração é tão grande como este vasto universo. Lá estão os céus, e a Terra, e o Sol, e a Lua, e as estrelas; o fogo, e o relâmpago, e os ventos estão lá; e mais tudo o que agora é e tudo o que não é: pois o universo inteiro está n'Ele, e Ele habita dentro do nosso coração.»

E se disserem: «Se todas as coisas estão no castelo de Brahman, todos os seres e todos os desejos, que acontece quando a velhice vence o castelo, ou quando a vida do corpo se vai?», podemos responder:

«O Espírito que está no corpo não envelhece nem morre, e ninguém pode matar o Espírito, que é sempiterno. Este é o verdadeiro castelo de Brahman, onde habita todo o amor do Universo. É Atman, Espírito puro, superior à tristeza, velhice e morte; superior ao mal, e à fome, e à sede. É Atman, cujo amor é a Verdade, cujos pensamentos são a Verdade.

»Tal como aqui na Terra os servidores de um rei obedecem ao seu rei, e estão com ele onde quer que esteja, e vão com ele onde quer que vá, assim também todo o amor que é Verdade, e todos os pensamentos de Verdade obedecem a Atman, o Espírito. E tal como, aqui na Terra, toda a obra feita a tempo, acaba a tempo, assim também nos mundos que hão-de vir as boas obras do passado desaparecerão. E por isso, todo aquele que deixa este mundo sem ter encontrado a sua alma, e esse amor que é a Verdade, esse não encontra a liberdade nos outros mundos. Mas todo aquele que deixa este mundo tendo encontrado a sua alma e esse amor que é a Verdade, para esse há a libertação do Espírito, neste mundo e nos mundos que hão-de vir.»

8. 1

*

Há uma ponte entre o tempo e a Eternidade; e essa ponte é Atman, o Espírito do homem. Nem o dia nem a noite podem atravessar essa ponte, nem a velhice, ou a morte ou o pesar.

O mal ou o pecado não podem atravessar essa ponte, porque o mundo do Espírito é puro. É por isso que, depois de atravessar a ponte, os olhos do cego vêem, as feridas dos feridos saram e o homem doente recupera de toda a sua doença.

Para aquele que atravessa a ponte, a noite transforma-se em dia; porque nos mundos do Espírito há uma luz que é sempiterna.

8. 4. 1

*

«Há um espírito que é puro e que está para além da velhice e da morte; e para além da fome, e sede, e pesares. Este é Atman, o Espírito no homem. Todos os desejos deste Espírito são Verdade. É este Espírito que devemos procurar e conhecer: o homem deve procurar a sua própria Alma. Todo aquele que procurou e conhece a sua Alma, esse encontrou todos os mundos, realizou todos os seus desejos.»

Assim falou Prajapati.

Os deuses e demónios ouviram estas palavras, e disseram: «Vamos, procuremos o Atman, procuremos a Alma, para que possamos alcançar todos os nossos desejos.»

Então Indra, de entre os deuses, e Virochana, de entre os demónios, sem o dizerem mutuamente, puseram-se a caminho para ir a Prajapati, levando combustível nas mãos como sinal de que queriam ser seus alunos.

E durante trinta e dois anos ambos viveram com Prajapati a vida dos estudantes religiosos. Ao fim desse tempo, Prajapati perguntou-lhes: «Porque tendes andado a viver a vida de estudantes religiosos?»

Indra e Virochana responderam: «Dizem que conheces o Atman, um Espírito que é puro e que está para além da velhice e da morte, e para além da fome, e da sede, e dos pesares, um espírito cujos desejos são a Verdade, e cujos pensamentos são a Verdade; e que disseste que esse Espírito deve ser procurado e conhecido porque, uma vez encontrado, todos os mundos são encontrados e todos os desejos satisfeitos. Por isso temos vivido aqui como teus alunos.»

Prajapati disse-lhes: «Aquilo que vedes quando olhais nos olhos de outra pessoa, isso é Atman, imortal e isento de medo, isso é Brahman.»

«E quem é esse que vemos quando olhamos para a água ou um espelho?», perguntaram.

«O mesmo é visto em tudo», respondeu. E mais lhes disse: «Ide e mirai-vos numa taça de água e perguntai-me tudo o que quiserdes saber a respeito de Atman, o vosso próprio eu.»

Os dois foram mirar-se numa taça de água.

«Que vedes?», perguntou Prajapati.

«Vemo-nos a nós próprios muito claramente, desde o cabelo às unhas dos pés», disseram.

«Enfeitai-vos e vesti-vos com belas roupas», disse Prajapati, «e mirai-vos novamente numa taça de água.»

Assim fizeram e de novo se miraram numa taça de água. «Que vedes?», perguntou Prajapati.

«Vemo-nos a nós próprios como estamos», responderam, «vestidos e enfeitados com belas roupas.»

«Isto é o Imortal, isento do medo: isto é Brahman», disse Prajapati.

Então partiram com a paz no coração.

Prajapati olhou-os e disse: «Viram, mas não compreenderam. Não encontraram o Atman, a sua alma. Qualquer que neles creia, seja ele bom ou mau, esse perecerá.»

Então Virochana, cheio de auto-satisfação, foi ter com os demónios e deu-lhes estes ensinamentos: «Nós somos os nossos próprios corpos, e esses devem ser tornados felizes na Terra. São os nossos corpos que devem ser glorificados, e para eles deveríamos ter servos. Todo aquele que tornou o seu corpo feliz, todo aquele que para o corpo tiver servos, esse estará bem neste mundo e também no mundo que há-de vir.»

É por isso que, quando aqui na Terra um homem não oferece qualquer dádiva, quando um homem não tem qualquer fé e não faz sacrifícios, então dizem dele: «Este homem é um demónio»; pois esta é, na verdade, a sua demoníaca doutrina. Vestem os seus corpos mortos com belas roupagens e glorificam-nos com perfumes e enfeites, pensando que assim conquistarão o outro mundo.

Mas Indra, antes de regressar ao meio dos outros deuses, viu o perigo destes ensinamentos e pensou: «Se o nosso eu, o nosso Atman, é o corpo, e está vestido de belas roupagens quando o corpo o está, e está coberto de ornamentos quando o corpo o está, então quando o corpo é cego, o eu é cego também; e quando o corpo é aleijado, o eu é aleijado também; e quando o corpo morre, o nosso eu morre também. Não posso encontrar gosto em tal doutrina.»

Por isso voltou a Prajapati com combustível nas mãos, em sinal de que queria ser seu aluno.

«Porque voltaste, grande Maghavan?», perguntou Prajapati. «Partiste com Virochana, com paz no coração.»

Indra respondeu:

«Tal como o Atman, o eu, a nossa alma, está vestida de belas roupagens quando o corpo o está, e está coberta de ornamentos quando o corpo o está, assim

também, quando o corpo é cego, o eu é cego também; e quando o corpo morre, o eu morre também. Não posso encontrar gosto em tal doutrina.»

«É mesmo assim, Maghavan», disse Prajapati. «Ensinar-te-ei uma doutrina superior. Vive comigo outros trinta e dois anos.»

Indra ficou com Prajapati outros trinta e dois anos, e então disse-lhe Prajapati: «O espírito que em júbilo vagueia pela terra dos sonhos, esse é o Atman, esse é o Imortal isento de medo: esse é Brahman.»

Então Indra partiu com paz no coração: mas antes de ter chegado de regresso aos deuses, viu o perigo destes ensinamentos e pensou: «Mesmo se, em sonhos, quando o corpo é cego o eu não seja cego, ou quando o corpo é aleijado o eu não seja aleijado e não sofra, realmente, as limitações do corpo, de tal modo que quando o corpo é morto o eu não seja morto também; contudo, em sonhos, o eu pode parecer morto e sofrer, e sentir muita dor e chorar. Não posso encontrar gosto em tal doutrina.»

Por isso, de combustível nas mãos, voltou a Prajapati, que lhe disse: «Partiste com paz no coração, Maghavan; porque voltaste?»

Indra respondeu: «Mesmo se, em sonhos, quando o corpo é cego o Atman não seja cego, ou quando o corpo é aleijado o Atman não seja aleijado e não sofra, realmente, as limitações do corpo, de tal modo que quando o corpo é morto o eu não seja morto também; contudo, em sonhos, o eu pode parecer morto e sofrer, e sentir muita dor e chorar. Não posso encontrar gosto nesta doutrina.»

«O que dizes é verdade, Maghavan», disse Prajapati. «Ensinar-te-ei uma doutrina superior. Vive comigo por trinta e dois anos mais.»

Indra ficou outros trinta e dois anos com Prajapati. E então disse Prajapati:

«O espírito que dorme sem sonhos na silenciosa calma do sono profundo, esse é Atman, esse é o Imortal isento de medo: esse é Brahman.»

Então Indra partiu com paz no coração, mas antes de chegar aos deuses viu o perigo destes ensinamentos e

pensou: «Se um homem está em sono profundo e sem sonhos, ele nem mesmo pode dizer 'eu sou', e não pode saber nada. Na realidade, ele cai no nada. Não posso encontrar gosto em tal doutrina.» E de novo, veio a Prajapati com combustível nas mãos.

«Porque regressaste, Maghavan? Partiste com paz no coração», perguntou Prajapati.

Indra respondeu: «Se um homem está em sono profundo e sem sonhos, ele nem mesmo pode dizer 'eu sou', e não pode saber nada. Na realidade, ele cai no nada. Não posso encontrar gosto em tal doutrina.»

«O que dizes é verdade, Maghavan», disse Prajapati. «Ensinar-te-ei uma doutrina superior, a mais elevada que ensinar se pode. Desta vez vive comigo por cinco anos.»

E Indra viveu com Prajapati por cinco anos. Viveu com Prajapati um total de cento e um anos. Por isso se diz: «O Grande Indra viveu com Prajapati a casta vida de um estudante espiritual de Brahmacharya durante cento e um anos.»

Então disse Prajapati a Indra:

«É verdade que o corpo é mortal, que está sujeito ao poder da morte; mas ele e também a morada de Atman, o Espírito da vida imortal. O corpo, a casa do Espírito, está sob o domínio do prazer e da dor; e se um homem for dominado pelo seu corpo, então esse homem nunca poderá libertar-se. Mas quando um homem está em júbilo do Espírito, no Espírito que é sempre livre, então esse homem é libertado de toda a escravidão, a escravidão do prazer e da dor.

»O vento não tem corpo, nem o relâmpago, nem o trovão, nem as nuvens; mas quando se elevam às esferas superiores, aí encontram o seu corpo de luz. Do mesmo modo, quando a alma está em calma silenciosa, ergue-se e deixa o corpo e, alcançado o Espírito Supremo, aí encontra o seu corpo de luz. É a terra da liberdade infinita onde, ultrapassado o seu corpo mortal, o Espírito do homem está livre. Aí ele pode rir e cantar a sua glória com etéreas mulheres e amigos. Goza de etéreos coches e esquece a carroça do seu corpo na Terra. Porque, tal como uma besta está atrelada a

uma carroça, assim também, na Terra, a alma está atrelada a um corpo.

»Sabe que quando os olhos miram o espaço, é o Espírito do homem quem vê: os olhos são apenas os órgãos da vista. Quando alguém diz: 'Sinto um perfume', é o Espírito quem sente: ele utiliza o órgão do olfacto. Quando alguém diz: 'Estou a falar', é o Espírito quem fala: a voz é o órgão da fala. Quando alguém diz: 'Eu ouço', é o Espírito quem ouve: o ouvido é o órgão da audição. E quando alguém diz: 'Eu penso', é o Espírito quem pensa: a mente é o órgão do pensamento. É graças à luz do Espírito que a mente humana pode ver, e pode sentir, e gozar este mundo.

»Todos os deuses do céu de Brahman adoram em contemplação o Espírito Supremo e infinito. Por isso gozam todo o júbilo, e todos os mundos, e todos os desejos. E todo aquele que, na Terra, encontra e conhece o Atman, o seu próprio Eu, esse goza todos os santos desejos, e todos os mundos, e todo o júbilo.»

Assim falou Prajapati. Assim, na verdade, falou Prajapati.

8. 7-12

«BRIHAD-ARANYAKA»

Da ilusão, conduz-me à Verdade.
Da escuridão, conduz-me à Luz.
Da morte, conduz-me à imortalidade.

1. 3. 28

Este universo é uma trindade que se compõe de nome, forma e acção.

A origem de todos os nomes é a palavra, pois é através da palavra que todos os nomes são falados. A palavra está por trás de todos os nomes, do mesmo modo que Brahman está por trás da palavra.

A origem de todas as formas é o olhar, pois é através do olhar que todas as formas são vistas. O olhar está por trás de todas as formas, do mesmo modo que Brahman está por trás do olhar.

A origem de todas as acções é o corpo, pois é por meio do corpo que todas as acções são feitas. O corpo está por trás de todas as acções, do mesmo modo que Brahman está por trás do corpo.

Esses três são apenas um, o ATMAN, o Espírito da vida; e ATMAN, embora um, é esses três.

O Imortal está encoberto pelo real. O Espírito da vida é o imortal. O nome e a forma são o real, por eles tá o Espírito encoberto.

1. 6

*

Certa vez Gargya, um brâmane orgulhoso do seu saber, foi ter com Ajatasatru, o rei de Benares, e disse: «Estou pronto a ensinar-te a respeito de Brahman.»

«Se o conseguires», disse o rei, «dar-te-ei um milhar de presentes, pois o povo correrá a dizer: 'A grandiosidade do nosso rei é tão grande como a do rei de Janaka'.»

E Gargya começou e disse: «Há um espírito no Sol lá no alto, e a esse espírito eu adoro como Brahman.»

«Como podes dizer tal coisa?», replicou Ajatasatru. «Considero o Sol apenas como o dirigente da luz, a origem de todos os seres na Terra.»

Então Gargya disse: «Há um espírito na distante Lua, e a esse espírito eu adoro como Brahman.»

Ajatasatru respondeu: «Considero a Lua apenas como a dirigente, vestida de brancura, do sagrado vinho de *soma*.»

«Há um espírito no relâmpago», disse então Gargya, «e a esse espírito adoro como Brahman.»

«O relâmpago», replicou Ajatasatru, «considero apenas como um objecto com fulgor.»

Gargya disse: «Há um espírito nos espaços etéreos, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Como podes dizer tal coisa?», replicou Ajatasatru. «Considero os espaços etéreos apenas como uma plenitude que não evolui.»

Gargya disse: «Há um espírito no vento, e a esse espírito adoro como Brahman.»

Ajatasatru respondeu: «Considero os ventos apenas como o invencível exército do poderoso Indra.»

Gargya disse: «Há um espírito no fogo, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Apenas considero o fogo», disse Ajatasatru, «como um grande poder.»

Gargya disse: «Há um espírito na água, e a esse espírito adoro como Brahman.»

Ajatasatru respondeu: «Apenas considero as águas como um belo reflexo.»

Gargya disse: «Há um espírito num espelho, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Considero o espelho», disse Ajatasatru, «apenas como uma coisa brilhante.»

Gargya disse: «Há um espírito no som dos passos de um homem, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Como podes dizer tal coisa?», disse Ajatasatru. «Considero o som apenas como um sinal de vida.»

Gargya disse: «Há um espírito nas regiões do céu, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Considero as regiões do céu», disse Ajatasatru, «apenas como amigos que sempre estão connosco.»

«Há um espírito que é uma sombra», disse Gargya, «e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Como podes dizer tal coisa?», disse Ajatasatru. «Considero essa sombra apenas como a morte.»

Gargya disse: «Há um espírito no corpo humano, e a esse espírito adoro como Brahman.»

«Considero o corpo», disse Ajatasatru, «apenas como a cobertura de uma alma.

»Isto é tudo?», perguntou Ajatasatru.

Gargya respondeu: «Isto é tudo.»

«Se isto é tudo, então nada sabemos», disse Ajatasatru.

Ouvindo estas palavras, Gargya disse: «Permite que eu seja teu aluno.»

«É, na verdade, contrário aos costumes», disse Ajatasatru, «que um brâmane vá ter com um *kshatriya* para receber instrução. Mas vem e ensinar-te-ei realmente a respeito de Brahman.»

E ergueu-se e tomou-lhe a mão e, passeando juntos, foram dar com um homem mergulhado num sono profundo. Chamaram-no usando vários nomes, tais como: «Ó tu, homem grande, vestido de brancura, tu, *soma*, o rei», mas não se moveu. Então Ajatasatru sacudiu-o com a mão e ele acordou.

«Quando este homem estava a dormir», disse Ajatasatru, «para onde tinha ido a sua consciência; e quando acordou, de onde regressou?» Mas Gargya não sabia.

Então Ajatasatru falou:

«Quando um homem está a dormir, a sua alma toma a consciência dos vários sentidos e vai com eles descansar junto do Espírito Supremo que está no coração humano. Quando todos os sentidos estão calados, diz-se que o homem está a dormir. Então a alma detém

os poderes da vida — respiração, voz, olhar, ouvido e mente — e eles repousam no silêncio.

»Quando a alma está na terra dos smhos, então todos os mundos pertencem à alma. Um homem pode ser um grande rei ou um grande brâmane, e viver em condições elevadas ou baixas. E tal como um grande rei da Terra toma os seus assistentes consigo e anda pelos seus domínios por onde lhe apetece, assim também a alma do homem toma os poderes da vida consigo e vagueia pela terra dos sonhos segundo os seus desejos.

»Quando um homem está mergulhado num sono profundo e toda a consciência se escoou pelos setenta e dois mil canais que conduzem da periferia até ao centro do coração, então a alma repousa na cobertura em volta do coração. E tal còmo um príncipe, ou um rei, ou um grande brâmane poderiam encontrar a paz de uma plenitude de júbilo, assim também a alma do homem encontra então a paz.

»Tal como fios etéreos saem de uma aranha, ou pequenas centelhas saem de um fogo, assim também de Atman, o Espírito no homem, vêm os poderes de vida, todos os mundos, todos os deuses: todos os seres. Conhecer o Atman é conhecer o mistério dos *Upanishades:* a Verdade entre as verdades. Os poderes de vida são verdade, e a sua Verdade é Atman, o Espírito.»

2. 1. 1-20

«Maitreyi», disse um dia Yajñavalkya a sua esposa, «vou abandonar esta vida que levo agora, e retirar-me para uma vida de meditação. Vou doar todas as minhas posses a ti e a Katyayani.»

«Mesmo que toda a terra coberta de riquezas me pertencesse, ó meu senhor», disse Maitreyi, «iria eu com isso alcançar a vida eterna?»

«Certamente que não», disse Yajñavalkya. «A tua vida seria apenas a vida de gente rica. Na riqueza não há qualquer esperança de vida eterna.»

Maitreyi disse: «Que haveria então eu de fazer com bens que me não podem dar a vida eterna? Dá-me antes o teu saber, ó senhor meu.»

Ouvindo isto, Yajñavalkya exclamou: «Querida és para mim, bem-amada, e caras me são as palavras que dizes. Vem sentar-te, e ensinar-te-ei; mas ouve as minhas palavras com profunda atenção.»

Então falou Yajñavalkya:

«Na verdade, um marido não é amado pelo seu amor de marido; mas um marido é amado por amor à Alma que há no marido.

»Uma esposa não é amada pelo seu amor de esposa; mas uma esposa é amada por amor à Alma que há na esposa.

»As crianças não são amadas por amor às crianças; mas as crianças são amadas por amor à Alma que há nas crianças.

»As riquezas não são amadas por amor à riqueza; mas as riquezas são amadas por amor à Alma que há na riqueza.

»A religião não é amada por amor à religião; mas a religião é amada por amor à Alma que há na religião.

»O poder não é amado por amor ao poder; mas o poder é amado por amor à Alma que há no poder.

»Os céus não são amados por amor aos céus; mas os céus são amados por amor à Alma que há nos céus.

»Os deuses não são amados por amor aos deuses; mas os deuses são amados por amor à Alma que há nos deuses.

»As criaturas não são amadas por amor às criaturas; mas as criaturas são amadas por amor à Alma que há nas criaturas.

»O tudo não é amado por amor ao tudo; mas o tudo é amado por amor à Alma que há no tudo.

»É a Alma, o Espírito, o Eu, que deve ser visto e ouvido, e receber os nossos pensamentos e meditações, ó Maitreyi. Quando a Alma é vista e ouvida, se pensa sobre ela e é conhecida, então tudo o que existe se torna conhecido.

»A religião abandonará todo o homem que pense que a religião é independente da Alma.

»O poder abandonará todo o homem que pense que o poder é independente da Alma.

»Os deuses abandonarão todo o homem que pense que os deuses são independentes da Alma.

»As criaturas abandonarão todo o homem que pense que as criaturas são independentes da Alma.

»E o tudo abandonará todo o homem que pense que o tudo é independente da Alma.

»Porque religião, poder, céus, seres, deuses e tudo fazem parte da Alma.

»Tal como quando alguém bate num tambor os seus sons não podem ser dominados, mas se tomarmos o tambor ou o tocador do tambor, já os sons serão dominados;

»Tal como quando alguém sopra numa concha os sons não podem ser dominados, mas se tomarmos a concha ou o tocador da concha, já os sons serão dominados;

»Tal como quando alguém tange um alaúde os seus sons não podem ser dominados, mas se tomarmos o alaúde ou o tocador do alaúde, já os sons serão dominados:

»Assim também acontece com o Espírito, a Alma.

»Tal como um torrão de sal que é atirado para a água, aí se dissolve e não mais pode ser apanhado, mas onde quer que levem a água sempre será considerada salgada, do mesmo modo, ó Maitreyi, o Espírito Supremo é um oceano de consciência pura, sem fronteiras e infinito. Erguendo-se de entre os elementos, para eles regressa de novo: não há consciência depois da morte.»

Assim falou Yajñavalkya.

Ao que Maitreyi replicou: «Estou espantada, ó Senhor meu, de ouvir que não há consciência depois da morte.»

A isto Yajñavalkya respondeu: «Não falo palavras de espanto; mas o que digo é suficiente para dar sabedoria.

»Porque onde parece haver uma dualidade, aí vê-se um outro, ouve-se um outro, sente-se o odor de um outro, pensa-se noutro, conhece-se outro. Mas quando tudo se tornou Espírito, o nosso próprio Eu, como e a

quem poderíamos ver? Como e a quem poderíamos ouvir? Como e de quem poderíamos sentir o odor? Como e com quem poderíamos falar? Como e a quem poderíamos conhecer? Como se pode conhecer aquele que tudo conhece? Como pode o Conhecedor ser conhecido?»

2.4

A LIÇÃO SUPREMA

PRÓLOGO

Para casa de Janaka, rei de Videha, veio certa vez Yajñavalkya, que pretendia porém manter em silêncio o supremo segredo da sabedoria. Mas certo dia, quando Janaka e Yajñavalkya tiveram uma discussão durante a oferenda do fogo sagrado, Yajñavalkya prometeu conceder ao rei qualquer desejo seu, e o rei escolheu fazer as perguntas que desejasse. Por isso Janaka, rei de Videha, começou fazendo esta pergunta:

«Yajñavalkya, qual é a luz do homem?»

«O Sol e a sua luz, ó rei», respondeu. «É com a luz do Sol que o homem descansa, se levanta, faz o seu trabalho e regressa.»

«Assim é, na verdade, Yajñavalkya. E quando o Sol se põe, qual é então a luz do homem?»

«Então a Lua torna-se a sua luz», replicou. «É com a luz da Lua que o homem descansa, se levanta, faz o seu trabalho e regressa.»

«Assim é, na verdade, Yajñavalkya. E quando o Sol e a Lua se põem, qual é então a luz do homem?»

«Então o fogo torna-se a sua luz. É com a luz do fogo que o homem descansa, se levanta, faz o seu trabalho e regressa.»

«E quando o Sol e a Lua se põem, Yajñavalkya, e o fogo se apagou, qual é então a luz do homem?»

«Então a voz é a sua luz; e com a voz como luz, ele descansa, levanta-se, faz o seu trabalho e regressa. Por isso, na verdade, ó rei, quando um homem não pode ver nem mesmo a sua própria mão, se ele ouvir uma voz, ele, por ela, descobre o caminho.»

«Assim é, na verdade, Yajñavalkya. E quando o Sol se pôs, Yajñavalkya, e a Lua também se pôs, e o fogo se apagou, e a voz está em silêncio, qual é então a luz do homem?»

«Então a Alma torna-se a sua luz; e com a luz da Alma descansa, levanta-se, faz o seu trabalho e regressa.»

«Que é a Alma?», perguntou então o rei de Videha.

ACORDADO E A DORMIR

Yajñavalkya falou:

«É a consciência da vida. É a luz do coração. Permanecendo eternamente o mesmo, o Espírito do homem impregna o mundo da vida acordada e também o mundo dos sonhos. Parece impregnar o pensamento. Parece impregnar o júbilo.

»Mas, no descanso do sono profundo, ele vai para além deste mundo e para além das suas formas transitórias.

»Porque, na verdade, quando o Espírito do homem ganha vida e toma um corpo, então a ele se juntam a maldade mortal; mas quando, na altura da morte, ele vai para o além, então deixa a maldade para trás.

»O Espírito do homem tem duas moradas: este mundo e o mundo do além. Há, ainda, uma terceira morada: a terra do sono e dos sonhos. Repousando nessa zona de fronteira, o Espírito do homem pode admirar a sua morada neste mundo e a do mundo longínquo, e vagueando nessa zona de fronteira, admira as tristezas deste mundo que estão para trás de si e, à sua frente, vê as alegrias do além.

SONHOS

»Quando o Espírito do homem se retira para repousar, leva consigo materiais deste mundo que tudo contém e, na sua própria glória e brilho, cria e destrói. Então o Espírito do homem brilha na sua própria luz.

»Nessa terra não há coches, nem parelhas de cavalos, nem estradas; mas ele cria os seus próprios coches, as parelhas de cavalos e as estradas. Não há alegrias nesse lugar, nem prazeres, nem delícias; mas ele cria as suas próprias alegrias, os seus próprios prazeres e delícias. Nessa terra não há lagos, nem águas com flores de loto, nem correntes de água; mas ele cria os seus próprios lagos, as suas lagoas com flores de loto e correntes de água. Porque o Espírito do homem é Criador.

»Nestes versos foi dito:

Abandonando o corpo pela porta dos sonhos, o Espírito, acordado, admira os seus sentidos que dormem. Então toma a sua luz própria e regressa ao seu lar, esse Espírito de brilho de ouro, o cisne errante e sempiterno.

Deixando o seu ninho inferior a cargo do sopro de vida, o Espírito imortal voa impetuoso para longe do ninho. Move-se por todas as regiões que ama, esse Espírito de brilho de ouro, o cisne errante e sempiterno.

E na região dos sonhos, errando para cima e para baixo, o Espírito faz para si próprio inumeráveis e subtis criações. Umas vezes parece regozijar-se no amor de belezas de conto de fadas, outras vezes ri, ou vê visões terríveis e apavorantes.

As pessoas vêem o seu campo de prazer; mas ele nunca pode ser visto.

»Por isso dizem que se não deve acordar uma pessoa de repente, porque seria difícil de sarar todo aquele cujo Espírito não regressasse. Dizem também que os sonhos são como o estado acordado, porque aquilo que é visto quando acordado é de novo visto num sonho. O que é verdade é que o Espírito brilha na sua própria luz.»

«Dar-te-ei um milhar de dádivas», disse o rei de Videho, «se me falares da sabedoria superior que conduz à libertação.»

«Quando o Espírito do homem gozou o seu prazer na terra dos sonhos e, nas suas voltas por lá, apreciou o bem e o mal, então ele volta para este mundo acordado. Mas o que quer que seja que ele lá viu, isso não volta com ele, porque o Espírito do homem é livre.

»E quando gozou o seu prazer neste mundo acordado e, nas suas voltas por cá, apreciou o bem e o mal, então ele volta pelo mesmo caminho para a terra dos sonhos.

»Tal como um peixe grande nada ao longo das duas margens de um rio, primeiro pela margem oriental e depois pela margem ocidental, assim também do mesmo modo o Espírito do homem se move entre as suas duas moradas: este mundo acordado e a terra do sono e dos sonhos.

SONO PROFUNDO

»Tal como um falcão ou uma águia, depois de voar impetuosamente pelo céu, dobra as asas de cansaço e desce voando até ao seu ninho, assim também o Espírito do homem se apressa até àquele lugar de repouso onde a alma não tem desejos e o Espírito não vê qualquer sonho.

»O que foi visto num sonho, todos os medos do acordar, tal como o de ser assassinado ou oprimido, perseguido por um elefante ou de cair num abismo, tudo se vê ser apenas ilusão. Mas quando, tal um rei ou um deus, o Espírito sente que 'eu sou tudo', então está no mais elevado dos mundos. É o mundo do Espírito, onde não há desejos, de onde toda a maldade desapareceu, e onde não há medo.

»Tal como um homem, nos braços da mulher amada, sente apenas paz em seu redor, assim também a Alma no abraço de Atman, o Espírito da visão, sente apenas paz em seu redor. Todos os desejos são alcançados, pois o Espírito que tudo é já foi alcançado; ali não há desejos e também não há pesares.

»Lá um pai não é mais pai, nem uma mãe é lá uma mãe; os mundos não são mais mundos, nem os deuses continuam a ser deuses. Lá os *Vedas* desaparecem; e o ladrão não é ladrão, nem o assassino é mais assassino; o pária já não é pária, nem o mal nascido é mal nascido; o peregrino não é mais peregrino e o eremita não é mais eremita; porque o Espírito do homem atravessou as

terras do bem e do mal e ultrapassou as tristezas do coração.

»Lá o Espírito não vê; contudo, mesmo não vendo, ele vê. Como poderia o Espírito deixar de ver se ele é Tudo. Mas não há aí qualquer dualidade, nada há separado dele que ele possa ver.

»Lá o Espírito não sente qualquer perfume; contudo, mesmo não sentindo qualquer perfume, ele sente-os. Como poderia o Espírito deixar de sentir os perfumes se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; não há qualquer perfume separado dele para que os sinta.

»Lá o Espírito não toma o gosto; contudo, não provando, ele prova. Como poderia o Espírito deixar de tomar o gosto se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele para que lhe tome o gosto.

»Lá o Espírito não fala; contudo, não falando, ele fala. Como poderia o Espírito deixar de falar se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele com quem possa falar.

»Lá o Espírito não ouve; contudo, não ouvindo, ele ouve. Como poderia o Espírito deixar de ouvir se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele para que possa ouvir.

»Lá o Espírito não pensa; contudo, não pensando, ele pensa. Como poderia o Espírito deixar de pensar se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele em que possa pensar.

»Lá o Espírito não sente pelo tacto; contudo, não tacteando, ele tacteia. Como poderia deixar de sentir, se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele que possa tactear.

»Lá o Espírito não conhece; contudo, não conhecendo, ele conhece. Como poderia o Espírito deixar de conhecer se ele é Tudo? Mas não há aí qualquer dualidade; nada há separado dele para que possa conhecer.

»Porque só lá onde parece existir uma dualidade, aí um vê ao outro, sente o perfume do outro, toma o gosto do outro, fala com o outro, ouve o outro, toca no outro e conhece o outro.

»Mas no oceano do Espírito o observador está sozinho admirando a sua própria imensidade.

»Esse é o mundo de Brahman, ó rei. Esse é o caminho supremo. Esse é o supremo tesouro. Esse é o mundo supremo. Esse é o supremo júbilo. Numa porção desse júbilo vivem todos os outros seres.

»Todo aquele que neste mundo alcança o sucesso e a riqueza, que é Senhor de homens e goza de todos os prazeres humanos, esse alcança o supremo júbilo humano.

»Mas cem vezes maior que o júbilo humano é o júbilo daqueles que alcançaram o ceu dos antepassados.

»Cem vezes maior que o júbilo do céu dos antepassados é o júbilo do céu dos entes celestiais.

»Cem vezes maior que o júbilo do céu dos entes celestiais é o júbilo dos deuses que alcançaram a divindade por meio de obras santas.

»Cem vezes maior que o júbilo dos deuses que alcançaram a divindade por meio de obras santas é o júbilo dos deuses que já nasceram divinos e daquele que tem a sagrada sabedoria, que é puro e isento de desejo.

»Cem vezes maior que o júbilo dos deuses que já nasceram divinos é o júbilo do mundo do Senhor da Criação, e daquele que tem a sagrada sabedoria, que é puro e isento de desejo.

»E cem vezes maior que o júbilo do Senhor da Criação é o júbilo do mundo de Brahman, e daquele que tem a sagrada sabedoria, que é puro e isento de desejo.

»Esse é o júbilo supremo, esse é o mundo do Espírito, ó rei!»

«Dar-te-ei um milhar de dádivas», disse, então, o rei de Videha, «mas fala-me a respeito da sabedoria superior que conduz à libertação.»

E Yajñavalkya teve medo e pensou: «O rei é inteligente. Cortou-me todas as possibilidades de fuga.

»Quando o Espírito do homem teve o seu prazer na terra dos sonhos, e nas suas voltas por lá observou o bem e o mal, então regressa novamente a este mundo acordado.

»Tal como uma carroça muito carregada se move gemendo, assim também a carroça do corpo humano, dentro da qual vive o Espírito, se move gemendo quando o homem está a perder o sopro da vida.

»Quando o corpo cai na fraqueza por causa da idade avançada ou da doença, tal como um fruto de manga, ou os frutos da figueira sagrada que se desprendem do seu pé, assim também o Espírito do homem se desprende do corpo humano e regressa à Vida pelo mesmo caminho por onde veio.

»Como quando um rei se aproxima, os nobres e os oficiais, e os guias e cabeças da aldeia perparam-lhe alimentos e bebidas e aposentos reais, dizendo: 'O rei vem, o rei aproxima-se', do mesmo modo todos os poderes da vida esperam por aquele que sabe isto e dizem: 'O Espírito vem, o Espírito aproxima-se.'

»E assim como quando um rei vai partir, os nobres e oficiais e os guias e os cabeças da aldeia se juntam em redor dele, assim também todos os poderes da vida se juntam em redor da alma quando um homem está a perder o sopro da vida.

»Quando a alma humana cai na fraqueza e em aparente inconsciência, todos os poderes da vida se juntam. A alma reúne estes elementos de fogo de vida e entra no coração. E quando o Espírito que vive no olhar regressa à sua própria origem, então a alma não reconhece mais qualquer forma.

«Então os poderes de vida da criatura tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não vê.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não sente qualquer perfume.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não tem paladar.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não fala.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não ouve.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não pensa.' Os seus poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não sente.' Os seus

poderes de vida tornam-se um e as pessoas dizem: 'Ele já não reconhece.'

»Então, no lugar do coração uma luz brilha, e esta luz ilumina a alma no seu caminho para longe.

»Quando parte, pela cabeça, ou pelo olhar, ou por outra parte do corpo, a vida segue a alma, e os poderes de vida seguem a vida. A alma torna-se consciente e entra na Consciência. A sua sabedoria e obras tomam-na pela mão, e também os seus conhecimentos de antanho.

»Assim como uma lagarta, quando chega à extremidade de uma folha de erva se estende até outra folha e passa para cima dela, do mesmo modo a Alma, deixando o corpo e a falta de juízo para trás, se estende para outro corpo e passa para ele.

»E tal como um artífice de ouro, tomando de um velho ornamento, o molda numa forma mais moderna e bela, assim também a Alma, deixando o corpo e a falta de juízo para trás, vai para uma forma mais moderna e mais bela: uma forma semelhante à dos antepassados nos céus, ou dos seres celestiais, ou dos deuses da luz, ou do Senhor da Criação, ou de Brahma, o supremo Criador, ou uma forma de outros seres.

»A Alma é Brahman, o Eterno.

»É feita de consciência e mente: é feita de vida e visão. É feita de terra e de águas: é feita de ar e espaço. É feita de luz e escuridão: é feita de desejo e paz. É feita de raiva e amor: é feita de virtude e de vício. É feita de tudo o que está próximo: é feita de tudo o que está longe. É feita de tudo.

KARMA

»De acordo com o modo como o homem age e percorre o caminho da vida, assim se torna. Aquele que faz o bem, torna-se bom; o que faz o mal, torna-se mau. Por meio de acções puras, torna-se puro; por meio de acções perversas, torna-se perverso.

»Diz-se, com verdade, que um homem é feito de desejo. Assim como é o seu desejo, assim é também a

sua fé. Assim como é a sua fé, assim também são as suas obras. Assim como são as suas obras, assim também ele se torna. Foi dito no verso seguinte:

> Com as suas acções, um homem vai até ao fim da sua determinação

»Alcançando o fim da jornada começada com as suas obras na Terra, o homem regressa desse mundo para este mundo de acção humana.

»Isto quanto ao homem que vive sob o domínio do desejo.

LIBERTAÇÃO

»Agora vejamos o homem que está liberto do desejo.

»Àquele que está liberto do desejo, cujo desejo encontra a realização visto que o Espírito é o seu desejo, a esse, os poderes da vida não abandonam. Torna-se um com Brahman, o Espírito, e entra para o Espírito. Há um verso que diz:

> Quando desaparecem todos os desejos que se agarram ao coração, então o mortal torna-se imortal e alcança a Libertação ainda nesta vida.

»Tal como a pele caída da cobra jaz morta sobre um formigueiro, assim também o corpo mortal; mas o Espírito incorpóreo e imortal é vida e luz e Eternidade.

»A este respeito há os seguintes versos:

> Encontrei o estreito atalho, de há muito conhecido, e que se estende a muito longe. É por ele que os sábios que conhecem o Espírito se elevam até às regiões do céu, e daí até à libertação.
>
> Está enfeitado de branco e azul, amarelo e verde e encarnado. Este é o caminho dos que vêm a Brahman, daqueles cujas acções são puras e que têm a luz e o fogo interiores.

»Todo aquele que segue a acção cai em profunda escuridão. Numa escuridão mais profunda ainda cai todo aquele que segue o conhecimento.

»Há mundos sem alegria; regiões de suprema escuridão. Para esse mundo vai, depois da morte, todo aquele que, na sua imprudência, não despertou para a luz.

»Quando está desperto para a visão do Atman, o nosso próprio Eu, quando um homem, com verdade, pode dizer: 'Eu sou Ele', que desejos o poderão levar a ansiar, febril, pelo corpo?

»A todo aquele que no mistério da vida encontrou o Atman, o Espírito, e despertou para a sua luz, a esse, como criador, pertence o mundo do Espírito, pois ele é esse mundo.

»Enquanto estamos nesta vida, podemos alcançar a luz da sabedoria; se a não alcançamos, quão profunda é a escuridão!

»Todo aquele que vê a luz, esse ganha a vida eterna: todo aquele que vive na escuridão, esse ganha o sofrimento.

»Quando um homem vê o Atman, o Eu em si mesmo, o próprio Deus, o Senhor do que passou e do que há-de vir, então não mais temerá.

»Aquele perante quem decorrem os anos e todos os dias dos anos, esse é pelos deuses adorado como a Luz entre as luzes, como a Vida imortal.

»Àquele em quem repousam as cinco hostes de seres e vastidão do espaço, a esse reconheço como o Atman imortal, a esse reconheço como o eterno Brahman.

»Todo o homem que conhece aquele que é o olhar do olhar, o ouvido do ouvido, a mente da mente e a vida da vida, esse conhece a Brahman desde o começo dos tempos.

»Até pela mente esta verdade tem de ser vista: não há muitos, mas apenas Um. Todo aquele que vê a variedade e não a Unidade, esse vagueia de morte em morte.

»Contemplai pois como único o infinito e eterno Único, que permanece radioso para além do espaço, a sempiterna Alma nunca nascida.

»Sabendo isto, que o amante de Brahman sempre persiga a sabedoria. Que não se enrede em muitas palavras, pois muitas palavras são apenas cansaço.»

Yajñavalkya continuou:

«Este é o grande Atman, o Espírito nunca nascido, a consciência da vida. Ele habita no nosso coração como o dirigente de tudo, o mestre de tudo, o senhor de tudo. A sua grandeza não se torna maior através das boas acções, nem menor através das más acções. Ele é o Senhor supremo, soberano e protector de todos os seres, a ponte que mantém os mundos separados, para que não caiam na confusão.

»Os amantes de Brahman procuram-no através dos *Vedas*, dos santos sacrifícios, da caridade, da penitência e da abstinência. Todo aquele que o conhece, torna-se um Muni, um sábio. Na ânsia de encontrar o seu reino, os peregrinos vivem uma vida errante.

»Sabendo isto, os sábios de antanho não queriam descendentes. 'Para que queremos descendentes', diziam, 'nós que possuímos o Espírito, o mundo inteiro?' Elevando-se acima do desejo de ter filhos, e riqueza e o mundo, dedicavam-se a uma vida de peregrinos. Porque o desejo de ter filhos e riquezas é o desejo de ter o mundo. E este desejo é apenas vaidade.

»Mas o Espírito não é isto; não é isto. Ele é incompreensível, pois não pode ser compreendido. Ele é imperecível, pois não pode morrer. Não tem elos de ligação, pois é livre; e, livre de todas as cadeias, ele está além do sofrimento e do medo.

»Todo o homem que isto sabe, não é movido pela mágoa ou pela exultação devidas às más ou boas acções que tenha praticado. Ele a ambas ultrapassa. O que foi feito ou foi deixado por fazer, isso não o perturba.

»Isto foi dito nos versos sagrados:

> A imortal grandeza daquele que vê a Brahman não é maior nem menor por obra das acções. Deixai que o homem encontre o caminho do Espírito: todo aquele que encontrou esse caminho, esse fica liberto das cadeias do mal.

»Todo aquele que isto sabe e que encontrou a paz, esse é senhor de si mesmo, esse tem a calma aceitação e a calma concentração. Vê o Espírito em si próprio, e vê o Espírito como tudo.

»Não é arrastado pelo mal: ele afasta o mal. Não é queimado pelo pecado: ele queima o pecado. E está para além do mal, e além da paixão, e além das dúvidas, pois ele vê o Eterno.

»Este é o mundo do Espírito, ó rei.» Assim falou Yajñavalkya.

«Ó Mestre! Teu é o meu reino e eu sou teu», disse então o rei de Videha.

EPÍLOGO

Este é o grande e nunca nascido Espírito do homem, aproveitador do alimento da vida e dador do tesouro. Todo aquele que isto sabe, esse encontra o tesouro.

Este é o grande e nunca nascido Espírito do homem, nunca velho e imortal. Este é o Espírito do universo, o refúgio para todos os temores.

Upanishade Brihad 4. 3-4